
Sobre a experiência histórica dos países socialistas

Rapporti Sociali

n.º 11, Novembro de 1991

A história dos países socialistas abarca pouco mais de 70 anos da história da humanidade (desde 1917 até hoje [1991]). Para estudar a história dos países socialistas, como em geral quando se estuda qualquer fenómeno, é necessário conhecer as características específicas das diferentes fases por que passaram e distinguir as transformações quantitativas, que caracterizam o desenvolvimento de cada fase, das transformações qualitativas, que marcam a passagem à fase seguinte. Os 70 anos dos países socialistas dividem-se em três fases qualitativamente distintas.

A primeira fase começa com a conquista do poder por parte do proletariado (primeiro nos territórios do império tsarista, após o derrubamento da monarquia e da vitória contra a intervenção dos Estados da *Entente* (mais tarde chamada Sociedade das Nações), depois no Leste da Europa, como consequência da vitória contra o nazi-fascismo, na China e mais tarde na Coreia, Indochina, Cuba, etc.). Esta primeira fase caracteriza-se pela «construção do socialismo» e desenvolve-se predominantemente no período da primeira crise geral de sobreprodução absoluta de capital e da subsequente crise dos regimes políticos dos países imperialistas e da ordem política mundial (1910-1945).

A segunda fase começa com a conquista do poder nos países socialistas por parte dos revisionistas modernos (na URSS e nas democracias populares da Europa Oriental nos anos 50, na República Popular da China nos anos 70) e caracteriza-se pela paralisação da construção do socialismo (ou seja, da transição do capitalismo para o comunismo) e pela tentativa de restauração gradual e pacífica da economia de mercado, das relações capitalistas de produção e pela integração no sistema capitalista mundial. Esta segunda fase da vida dos países socialistas desenvolve-se predominantemente durante o período de recuperação e desenvolvimento do sistema capitalista mundial (1945-1975), (período do «capitalismo de rosto humano» nos países imperialistas e de transformação das colónias em semicolónias), como consequência das perturbações e destruições provocadas no período anterior.

A terceira fase da vida dos países socialistas desenvolve-se no período da segunda crise geral de sobreprodução absoluta de capital (iniciada nos anos 70) e da subsequente crise dos regimes políticos dos países imperialistas e da ordem política mundial (inserida na crise do sistema semicolonial nos países oprimidos).

Abordaremos estas três fases da história dos países socialistas procurando extrair do balanço da experiência dos diferentes países socialistas os seus traços universais (comuns

a todos eles) e reconstruir a sua história enquanto teoria, ou seja, prescindindo por conseguinte dos períodos e particularidades de cada um deles.

1. A primeira fase da história dos países socialistas

Em que consiste a construção do socialismo?

A construção do socialismo consiste na aplicação do programa da revolução socialista, ou seja, na realização da passagem do capitalismo ao comunismo.

O programa da revolução socialista consiste, em geral, (por conseguinte, prescindindo dos aspectos particulares de cada país, que são, no entanto, determinantes para a tática a seguir na realização do programa), em adequar as relações de produção e as correspondentes relações sociais ao carácter social já alcançado pelas forças produtivas e pelo processo de produção e reprodução das condições materiais de existência, e em desenvolver e generalizar continuamente o carácter social tanto das forças produtivas como do processo de produção. Isto significa, por conseguinte, criar em cada país e no plano mundial os organismos, instituições e um nível geral (de massas) de concepção do mundo, de conhecimento (cultura) e comportamento necessários¹ para que os trabalhadores associados possam administrar colectivamente as actividades e iniciativas económicas e demais actividades sociais.

Este programa não é o resultado de concepções éticas (aversão ao egoísmo, amor ao próximo, sentido da fraternidade, etc.), nem de inclinações ou da escolha de um modo de vida (o gosto pela vida comunitária, a aversão à concorrência entre indivíduos, ao arrivismo e ao carreirismo, a recusa da vida consagrada a ganhar dinheiro, etc.). Tão pouco é consequência de atitudes filosóficas, nem de outras causas espirituais, morais e demais causas subjectivas, como as atrás enumeradas. Pelo contrário, trata-se de um programa que expressa, ao nível do pensamento e de objectivos conscientemente formulados e programáticos, o seguinte:

– A transformação para que as pessoas são inevitavelmente empurradas pelo o actual estado das forças produtivas e o actual processo de produção e reprodução das condições materiais de existência:²

¹ A gestão colectiva só pode avançar ao mesmo tempo que avança a responsabilidade individual. Nisto consiste também, portanto, o processo de criação do homem novo. Transformando o mundo, transformamo-nos a nós próprios. Mudar o mundo é, ao mesmo tempo, mudar-se a si mesmo. «*Este socialismo é a declaração da permanência da revolução, a ditadura de classe do proletariado como ponto de trânsito necessário para a abolição das diferenças de classes em geral, para a abolição de todas as relações de produção em que aquelas se apoiam, para a abolição de todas as relações sociais que correspondem a essas relações de produção, para a revolução de todas as ideias que decorrem destas relações sociais.*» [K. Marx, *As Lutas de Classes em França*, Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. Avante!, Lisboa, 1982, t. I, pp. 290-291. (N. Ed.)

² O actual estado das forças produtivas e o desenvolvimento actual do processo de produção e reprodução das condições materiais de existência empurram irresistivelmente as pessoas para a transformação expressa por esse programa. Isto é confirmado pelo facto de que, nos últimos 50 anos, tenham surgido em todos os países movimentos que, de maneira mais ou menos consequente e com métodos mais ou menos eficazes, se propuseram realizar o referido programa (movimentos que, de cada vez que foram golpeados ou derrotados, têm ressurgido das suas cinzas. Isto é igualmente confirmado pelas

– Uma transição que (longe de ser a realização do seu «estado subjectivo»), para se realizar, obriga massivamente as pessoas a mudar a sua percepção do mundo, as suas atitudes morais, as suas ideias filosóficas e o seu «*aparelho instintivo*», forjados ao longo de uma larga experiência de séculos de opressão, submissão e restrições materiais;

– Por conseguinte, uma transição cuja necessidade não deriva da validade das primeiras tentativas da sua realização, nem é invalidada pelo fracasso destas primeiras tentativas, porque é uma transição inscrita no estado actual das coisas.

Quer dizer que se trata de uma transição imposta pela necessidade e sujeita a dificuldades por ser a primeira vez que se realiza. É o que sucede quando um povo que habita junto à margem de um rio, devido à subida progressiva do nível das águas, se vê obrigado a mudar-se para uma zona montanhosa das redondezas e encontra obstáculos numa ascensão que nunca antes havia feito.

É um programa de que nós, como indivíduos, tomamos consciência de uma maneira gradual e cada vez mais profunda, estudando não as suas primeiras e inevitavelmente toscas (e às vezes ridículas) realizações, mas o estado das sociedades capitalistas e o sistema capitalista mundial.

O estudo das tentativas passadas de realizar o programa não põe em causa o conteúdo ou a necessidade deste, mas visa unicamente a aquisição da ciência necessária para realizá-lo, (aprender com a experiência para evitar repetir erros já cometidos e conhecer as leis específicas e particulares da transformação que o programa realiza.

Diferentemente do exemplo da população ribeirinha que acabamos de referir, o estado actual das coisas e a necessidade da sua transformação geram inevitavelmente nas pessoas fantasias, concepções, aspirações e estados de ânimo, que exprimem ao nível da sua psique (do subjectivo) a necessidade inerente às relações objectivas em que estão imersas. De início, esta necessidade só pode manifestar-se através de representações confusas e impregnadas de fantasias – património histórico que constitui a actual psique humana. A consciência ingénua e a concepção idealista consideram estes estados subjectivos como causas do programa e da transformação socialista. Mas, na realidade, estes estados subjectivos não são mais que o primeiro estágio elementar e generalizado desse programa, em que este começa a existir como representação na consciência das pessoas, como representação que elas próprias fazem da luta que estão levando a cabo e que constitui para elas um instrumento necessário de combate. Quer dizer que se trata de um estágio prévio na consciência das pessoas, antes de poder existir como consciência plena do conteúdo e da necessidade objectiva do processo social em desenvolvimento e dos métodos para o dirigir. Isto é, antes de poder existir como teoria científica e como guia para a sua realização.

As tarefas particulares, nas quais se articula o programa da revolução socialista, derivam também da análise da sociedade capitalista.³

transformações que irresistivelmente se têm desenvolvido na própria sociedade burguesa na base da mesma relação de capital (as formas antitéticas da unidade social). Ver a propósito *Rapporti Sociali*, n.º 4, p. 15 e seguintes.

³ Obviamente, o estudo das primeiras tentativas toscas de criação de uma sociedade socialista permite também compreender mais profunda e completamente a sociedade capitalista; da mesma forma que o estudo da sociedade capitalista permitiu compreender

A sociedade socialista é parte da sociedade capitalista e herda desta:

1. A propriedade individual e privada das forças produtivas.⁴
2. A divisão dos trabalhadores em grupos na base de contradições de carácter classista.

1.1. A propriedade individual e privada das forças produtivas

1.1.1. A propriedade individual capitalista das forças produtivas que adoptaram um carácter colectivo

Parte das forças produtivas da sociedade burguesa já são em si mesmas, directamente, forças produtivas de carácter colectivo:⁵ a sua instalação, o seu emprego, a sua gestão e os seus resultados dependem principalmente da colaboração ordenada de numerosos indivíduos (da actividade social) e, só de forma secundária, das características de cada um deles (da sua força, carácter, inteligência, esforço, energia, cultura, perspicácia, etc.). A este grupo de forças produtivas pertencem os bancos, as sociedades financeiras, os grandes complexos industriais nas suas diferentes formas de se agrupar (consórcios, *trusts*, *holdings*, etc.), as grandes companhias capitalistas agrícolas, as sociedades comerciais e cadeias de distribuição, as grandes companhias de transporte, as grandes sociedades de investigação, as sociedades imobiliárias e de grandes obras públicas e industriais, etc. Mas, nas sociedades capitalistas, estas forças produtivas são propriedade privada e, na maior parte dos casos, propriedade colectiva de grupos ou associações de capitalistas.⁶

Neste sector das forças produtivas, a propriedade individual dos capitalistas pode ser abolida por decreto, de um golpe, como um aspecto e um efeito imediato e indispensável da nossa conquista do poder, do derrubamento do actual regime. Na sociedade capitalista

mais profunda e completamente a sociedade feudal. Cada coisa só se conhece em si frente à negação dela própria.

⁴ Na sociedade burguesa existe a propriedade individual (as empresas de um único proprietário, a propriedade individual de acções e, em geral, de quotas de capital social) e também a propriedade colectiva de grupos e associações de capitalistas (as sociedades anónimas, as sociedades por acções, os *trusts*, as entidades públicas económicas, etc.). A propriedade individual é uma característica fundamental e essencial da sociedade burguesa. A propriedade colectiva é um aspecto derivado da primeira, uma «superestrutura» da primeira (o que nega todo o tipo de fantasias sobre o capital único mundial, o ultra-imperialismo, o Estado imperialista das multinacionais: o capital concentra-se e divide-se constantemente). Na sociedade burguesa, a primeira pode existir sem a segunda, mas a segunda não pode existir sem a primeira. Nela, tanto a propriedade individual como a propriedade colectiva são propriedades privadas, ou seja, relacionam-se entre elas e com os proprietários não capitalistas (produtores autónomos, proprietários da força de trabalho, etc.) através do mercado, e nisso consiste o carácter privado de toda a propriedade burguesa, mesmo quando o titular é uma associação colectiva geral dos capitalistas como o Estado. Ver *Rapporti Sociali*, n.º 4, p. 15 e seguintes. Na sociedade burguesa existem, além de diversos tipos de propriedade capitalista (individual e colectiva), a propriedade não capitalista (produtores autónomos, empresas familiares, empresas cooperativas, etc.) e a propriedade da força de trabalho (individual, dos trabalhadores).

⁵ Este sector das forças produtivas já é, na sociedade actual, o sector dirigente, o que determina o movimento dos restantes.

⁶ Ver a propósito *Rapporti Sociali*, n.º 4, p. 15 e seguintes.

actual, a gestão (administração, direcção) da maior parte destas forças produtivas já está separada da propriedade individual capitalista: os capitalistas são accionistas, que amiúde não participam directamente na sua gestão (separação entre a direcção e a propriedade). Trata-se pois (como primeira medida inicial da revolução socialista) de colocar à frente das forças produtivas, no lugar dos actuais dirigentes formados e seleccionados para defender os interesses dos capitalistas e explorar os trabalhadores, pessoas dispostas a colaborar com o novo poder dos trabalhadores. Pessoas que sejam capazes de se servirem dos instrumentos de direcção das unidades produtivas para realizar os objectivos produtivos definidos para cada uma delas e promover a emancipação dos trabalhadores.⁷

Em relação a este sector das forças produtivas, há duas tarefas essenciais que não podem ser resolvidas na sociedade socialista de um golpe, mas apenas como resultado de um processo historicamente determinado que se leva a cabo por fases.⁸ Falaremos delas nos dois pontos seguintes.

⁷ Nas unidades produtivas da sociedade socialista, como em geral em toda a sociedade socialista (em particular na relação Estado/cidadãos, nas organizações de massas, na relação partido comunista/massas, no seio do partido comunista) desenvolve-se uma contradição real – dirigentes/dirigidos (como veremos mais à frente), que, no essencial, não pode ser resolvida através da boa vontade ou de uma boa orientação ideológica e política dos dirigentes. Esta contradição só pode ser resolvida através de um processo prático, em que o pólo inicialmente secundário (os dirigidos) se torna principal, transformando-se por si próprio na luta contra o pólo inicialmente principal (a emancipação da classe operária só pode ser obra da própria classe).

Não obstante, em certas condições, esta contradição não é antagónica e pode resolver-se por meios pacíficos. A sociedade socialista pede aos dirigentes das forças produtivas que demonstrem capacidade para agir neste quadro como uma condição irrenunciável para os designar e manter nos seus postos. Mas mesmo assim é inevitável que em cada unidade produtiva exista uma relação conflituosa, que periodicamente amadurece até resolver-se por saltos (novos métodos de organização e de direcção, novos dirigentes, novos papéis para os trabalhadores, turnos, grupos mistos, etc.). A história dos países socialistas fornece um riquíssimo material sobre o movimento da contradição dirigentes/dirigidos, trabalhadores intelectuais/trabalhadores manuais, trabalhadores especializados/trabalhadores simples, salários superiores/salários inferiores, etc., nas unidades produtivas. O mais recente e explícito foi produzido durante a Revolução Cultural na China (em parte publicado em Itália pelas *Edizioni Oriente*, em revistas como *Quaderni della stampa cinese* e *Vento dell'Est*).

⁸ Um processo é um acontecimento que se efectua no tempo, através de fases sucessivas. A transição traumática (descontínua) de uma a outra fase sucede quando o nível da transformação qualitativa, no âmbito da fase anterior, atinge um determinado ponto (por exemplo, na vida de uma pessoa, a passagem da infância para a adolescência). Um tratamento amplo das características do desenvolvimento como processo encontra-se em Mao Tsé-Tung: *Sobre a Contradição* [disponível em português em <http://www.marxists.org/portugues/mao/1937/08/contra.htm>. (N. Ed.)]

1.1.2. Materializar a participação activa e directa dos trabalhadores na gestão (direcção, administração) das forças produtivas

A revolução socialista gera por si mesma a participação activa de pelo menos uma parte dos trabalhadores na gestão das forças produtivas. Esta participação activa dos trabalhadores, que produz imediatamente grandes resultados, aumentando a produtividade das forças produtivas,⁹ dá um salto com a revolução socialista porquanto esta cria as premissas institucionais e o ambiente que a tornam possível e a favorecem. Esta participação já hoje se efectua, em certa medida, na sociedade burguesa, cujas grandes unidades produtivas não poderiam funcionar sem um certo nível de colaboração dos trabalhadores. A eficácia desta participação activa, do ponto de vista da produtividade, é já hoje demonstrada pela busca encarniçada por parte dos capitalistas de novas formas (círculos de qualidade, qualidade total, etc.) e por milhares de miseráveis incentivos e métodos que utilizam para estimulá-la. No entanto, o conjunto das relações de capital desincentiva a participação e limita-a. Isto porque os seus resultados beneficiam os capitalistas e prejudicam os trabalhadores; porque o capitalista, apesar lhe interessar essa participação activa dos trabalhadores, limita-a ao nível mais baixo que lhe convém; porque não quer que o trabalhador meta o nariz nos seus assuntos; porque os esforços dos trabalhadores são frustrados pelas «*leis objectivas da economia capitalista*», etc. As primeiras realizações da revolução socialista criam, pelo contrário, um contexto favorável à eliminação da propriedade individual capitalista, transformando qualquer questão económica, política e cultural da sociedade num «*assunto*» de cada trabalhador, limitando e abolindo definitivamente as leis «*objectivas da economia*» capitalista, no âmbito da planificação da produção social (como veremos mais adiante), favorecendo e promovendo a organização das massas. A experiência das cooperativas de produção (não as empresas capitalistas ou individuais que se denominam cooperativas por razões fiscais ou outros motivos de conveniência, mas as que são realmente cooperativas de trabalhadores associados) e a experiência da autogestão de empresas pelos trabalhadores em momentos de luta¹⁰ oferecem importantes ensinamentos a este respeito, que devem ser estudados tendo em conta que são resultado de experiências desenvolvidas num ambiente desfavorável, senão mesmo hostil (capitalista).

Não obstante, a participação activa dos trabalhadores só se pode desenvolver gradualmente e por saltos, como um processo paralelo ao processo através do qual a força de trabalho (que reside na pessoa de cada trabalhador e que hoje é, em grande medida, propriedade individual do mesmo),¹¹ supera o seu carácter de mercadoria.¹²

⁹ Em todas as revoluções socialistas temos podido e podemos constatar estas duas coisas que dissemos (aumento da participação activa dos trabalhadores na gestão das unidades produtivas e os resultados desta participação do ponto de vista da produção).

¹⁰ Uma grande e exemplar experiência de autogestão foi levada a cabo pelos trabalhadores da empresa *LIP* de Besançon (França) a partir de 12 de Junho de 1973. Esta experiência está descrita no livro de C. Meldolesi: *Rapporto con la LIP*, ed. Lavoro Liberato. No mesmo volume são referidas experiencias similares, em menor escala, realizadas na mesma época em Itália (Milão, Bari, Savona e Bréscia).

¹¹ Na sociedade burguesa já existem vários limites à propriedade individual da força de trabalho: políticas demográficas, políticas educativas (de formação profissional), políticas de emprego (colocação, aposentação, limites de idade, etc.), políticas salariais (mínimos

Na sociedade socialista, a luta entre as duas classes, as duas vias e as duas linhas abrangerá:

- As iniciativas para desenvolver a participação activa de todos os trabalhadores na gestão das empresas e na actividade económica global da sociedade;
- As formas mais adequadas para promovê-la, a validade das experiências-modelo e de vanguarda;
- A possibilidade de generalizá-las;
- A possibilidade de dar novos saltos em frente no seu desenvolvimento.¹³

1.1.3 Superar a propriedade privada das forças produtivas (superar a economia de mercado)

Em relação ao sector das forças produtivas antes mencionado, a instauração de um plano económico (nacional e internacional), que defina previamente a respeito de cada unidade produtiva a qualidade e quantidade de produtos que deve proporcionar, a qualidade e quantidade dos recursos da sociedade que pode utilizar (matérias-primas, meios de produção, energia, força de trabalho), o destino dos produtos e a origem dos recursos, já deu e também dará imediatamente grandes resultados e aumentará a sua produtividade.¹⁴ Com a distribuição planificada dos recursos e produtos elimina-se o

salariais, relações salários/tarefas, etc.) concertações sindicais (contratos de trabalho), legislação laboral (normas profissionais, condições de trabalho, etc.).

¹² Sobre o carácter de mercadoria da força de trabalho ou da sua gradual eliminação ver *Rapporti Sociali*, n.º 0, p. 20 e seguintes.

¹³ Como veremos melhor mais à frente, a contradição dirigentes/dirigidos na sociedade socialista não é directamente a contradição burguesia/proletariado. No entanto, se a sociedade socialista não desenvolve esta contradição, não trata de maneira apropriada o seu movimento, não mobiliza os dirigidos para que se transformem em dirigentes, está destinada inevitavelmente a conservar e reforçar o carácter mercantil da relação entre as unidades produtivas e os trabalhadores (proprietários da força de trabalho), assim como entre as próprias unidades produtivas. Isto traz como consequência, como desenvolvimento necessário, a conservação e desenvolvimento da relação de capital e a gestação de uma nova burguesia. E vice-versa, desenvolver a contradição, tratá-la apropriadamente e mobilizar os dirigidos para que se transformem em dirigentes, pressupõe levar por diante a transição para o comunismo. Por conseguinte, a contradição dirigentes/dirigidos está ligada à contradição burguesia/proletariado, e na resolução desta contradição enfrentam-se as duas classes (proletariado e burguesia), as duas vias (a via para o comunismo e a via para o capitalismo) e as duas linhas (a linha que promove a transição para o comunismo e a linha que promove a restauração do capitalismo).

Quanto ao tratamento apropriado da contradição, ele não depende de uma vontade piedosa e vazia, mas sim da consideração de que o movimento desta contradição está ligado concretamente ao movimento das restantes contradições da sociedade (em particular, a contradição homem/natureza e trabalho intelectual/trabalho manual). O tratamento desta contradição não pode prescindir desta conexão, apesar de todas as aspirações e de todos os discursos vazios de «esquerda».

¹⁴ Os meios técnicos da planificação das actividades económicas, no âmbito local, estatal e mundial, já estão preparados na sociedade burguesa. A planificação burguesa, que já hoje é aplicada em grandes complexos industriais, entre secções de uma só unidade produtiva e entre unidades produtivas que dependem de um só grupo financeiro, não obstante estarem

carácter de mercadoria destes últimos,¹⁵ bem como os juros sobre o dinheiro e a renda (renda é a parte que os proprietários dos recursos naturais – terra, jazidas minerais e outras, recursos hidráulicos, etc. – recebem da sua exploração por terceiros, graças ao seu título de propriedade, que a sociedade burguesa respeita e protege).

A planificação é uma ciência que ainda está no seu início, mas necessariamente desenvolver-se-á pouco a pouco. Inevitavelmente cometer-se-ão erros, mas só superando estes erros e aprendendo com a experiência (fazendo o balanço dos erros e dos êxitos), poderemos levar esta ciência a alcançar níveis mais altos.

Os métodos de produção e de trabalho (a tecnologia e a organização do processo de trabalho) constituem um terreno dinâmico: os velhos métodos são substituídos por outros novos. O resultado das diferentes unidades produtivas e os resultados produzidos pelos novos métodos devem ser avaliados tendo em conta a utilização dos recursos utilizados e os processos sociais que determinam. Também esta avaliação, indispensável para a planificação, é uma ciência que deve desenvolver-se e que só pode desenvolver-se gradualmente cometendo-se erros inevitáveis.¹⁶

dispersas pelos quatro cantos do mundo, preparou tudo o que é necessário para a planificação própria da sociedade socialista. Em geral, nas formas antitéticas da unidade social, a burguesia preparou tudo o que a sociedade socialista precisa para projectar e coordenar as suas actividades económicas. Libertados das cadeias que lhes são impostas pela relação de capital (que os limita ao seu carácter de instrumentos auxiliares da propriedade individual e privada capitalista, como superestruturas desta), estes meios devem desenvolver-se no quadro favorável das novas relações da sociedade socialista. (Ver *Rapporti Sociali*, n.º 0, p. 20 e seguintes e *Rapporti Sociali*, n.º 4, p. 5 e seguintes.)

¹⁵ Sobre o carácter de mercadoria da força de trabalho ou da sua gradual eliminação ver *Rapporti Sociali*, n.º 0, p. 20 e seguintes.

¹⁶ A cultura burguesa afirma que ao retirar o carácter de mercadoria aos produtos e à força de trabalho, ou seja, com a eliminação do mercado, a sociedade socialista fica privada de um indicador global do custo relativo de cada um dos recursos e de cada um dos produtos. Na planificação burguesa, esse custo relativo é constituído pelo preço de mercado.

A partir de 1957 (ano das primeiras reformas económicas do período de Khruchov), os revisionistas modernos dos países socialistas estimularam constantemente a reintrodução dos preços de mercado como índice do custo relativo dos recursos e dos produtos, no âmbito da substituição do sistema de «directão administrativa», herdado da fase anterior, por um sistema de «directão económica» e de «contabilidade económica» de cada uma das unidades produtivas. Não podendo introduzir a economia de mercado devido à relação de forças entre as classes, os revisionistas basearam a sua planificação nos preços herdados da fase anterior, na qual desempenhavam um papel social distinto do índice de preços de custo de produção (ver I.V. Stáline *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*, 1952 [Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/stalin/1952/problemas/index.htm> - versão brasileira (N. Ed.)]. Este compromisso entre interesses de classe contrapostos contribuiu em grande parte para o marasmo económico, no qual a directão dos revisionistas modernos lançaram gradualmente os países socialistas.

Será o preço de mercado um índice real dos recursos naturais e humanos empregues na produção, determinado pela acção de uma multidão de actores independentes entre si? Não, absolutamente! **Na sociedade burguesa actual, o preço de mercado de um produto e de um recurso natural tem a sua origem no seu valor de troca** (a quantidade relativa

A planificação da actividade económica da sociedade (a nível local, estatal, e mundial) é uma área sobre a qual se pode desenvolver a participação activa de todos os trabalhadores. Por conseguinte, é uma das grandes áreas de desenvolvimento da democracia socialista, como participação real e consciente de todos os trabalhadores na direcção do movimento económico global da sociedade. Esta participação realiza-se mediante a disponibilização de todos os meios de conhecimento e instrumentos necessários a uma participação activa, e não uma simples aprovação, com mais ou menos conhecimento de causa das decisões tomadas e propostas por outro grupo social diferente. O que produzir, quanto produzir, como produzir, como utilizar os recursos naturais, como repartir os produtos: graças à planificação, todas estas questões, que qualquer a sociedade deve resolver, deixam de ser resultado da acção dispersa e inconsciente de uma multidão de sujeitos do mercado, o qual gera as leis económicas socialmente objectivas da sociedade burguesa e as reservas dos capitalistas ou dirigentes de cada unidade produtiva. Desta forma, todas estas

de tempo de trabalho humano simples empregue na produção – ver *O Capital*, Livro Primeiro, 1.^a secção, que descreve a produção mercantil simples), **através da mediação da renda** (ver *O Capital*, Livro Terceiro, 6.^a secção), **do capital que produz juros** (ver *O Capital*, Livro Terceiro, 5.^a Secção), **do nivelamento da taxa de geral de lucro** (ver *O Capital*, Livro Terceiro, 2.^a Secção, cap. X), **do capital financeiro, do monopólio, do capitalismo de Estado** (condição em que o Estado, ou seja, os capitalistas associados sob a direcção dos mais fortes, «cria» com instrumentos políticos, através de medidas fiscais, aduaneiras, monetárias, creditícias, comerciais, da despesa pública e de serviços públicos, o ambiente económico em que os capitalistas «livres» operam para realizar a valorização do seu capital) **e da concorrência**. O preço de mercado é um índice real do capitalista, que usa o seu dinheiro para multiplicá-lo. A avaliação de quanto dinheiro deve avançar e de quanto irá ganhar só pode basear-se nos preços de mercado, mas estes têm pouco a ver com a quantidade de recursos empregues. Tanto assim é que sempre que se pretende alterar a consignação dos recursos em termos materiais (quantidade de energia, matérias-primas, etc.), o Estado tem que intervir com os impostos de consumo – hoje um litro de gasolina (recurso não renovável) tem um preço de mercado inferior a um litro de vinho (recurso renovável). Por outro lado, por exemplo, coisas que implicam uma utilização nula ou insignificante de recursos (o dinheiro obtido por empréstimo, a protecção da máfia organizada, a contratação de um assassino, os favores de um funcionário do Estado, a obtenção de um emprego, etc.) têm um preço de mercado. Em contrapartida, não têm preço de mercado certos recursos preciosos (o ar, etc.). Para dar outro exemplo, refira-se que o desastre ecológico provocado pelo modo de produção capitalista é uma amarga experiência para todo o mundo.

O preço de mercado, longe de ser um índice «objectivo» e neutro dos recursos sociais utilizados, é pois um índice que engloba as relações de classe: o respeito da propriedade dos recursos naturais, a percentagem que retorna aos proprietários do dinheiro (taxa de juro), a posição de força dos monopólios, o respeito da propriedade intelectual, etc. A destruição dos recursos naturais (água, ar, solo, florestas, etc.) é uma consequência inevitável da utilização dos preços de mercado como base da avaliação dos custos e benefícios das iniciativas económicas. Os índices materiais dos recursos sociais empregues na produção (quantidade de combustível, de aço, de horas de trabalho, etc.), introduzidos pela planificação socialista, por mais aproximados e historicamente determinados que sejam (quanto ao tipo de recursos considerados, etc.), são uma base que pode ser infinitamente melhorada, sobre a qual os indivíduos associados podem construir gradualmente e por saltos a ciência da planificação das actividades económicas ao seu serviço.

questões podem tornar-se objecto de reflexão e decisão colectiva de todos os trabalhadores.

Balanço da experiência da planificação, valorização dos custos relativos dos produtos e recursos, adopção de métodos mais eficazes de planificação ou relaxamento da planificação a favor da produção mercantil,¹⁷ relações entre os indivíduos e instituições que colaboram na planificação e meios para promover, favorecer, tornar mais eficaz, mais ampla e profunda a participação das massas na planificação – eis um conjunto de questões em torno das quais se desenvolverá a luta entre duas classes, duas vias e duas linhas na sociedade socialista.¹⁸

¹⁷ A sociedade socialista poderá dispor, durante o tempo que for necessário, dos seguintes instrumentos:

– Os contributos da produção mercantil; indivíduos e grupos que produzem para vender e que adquirem os recursos e os bens de consumo necessários;

– Os contributos da direcção financeira na actividade económica de cada unidade produtiva e de cada indivíduo, através dos instrumentos já desenvolvidos pela política económica da sociedade burguesa: preços, impostos, créditos, etc., que a autoridade estabelece ou controla e, dentro de cujos limites, cada indivíduo decide o que é mais vantajoso para si.

Nos sectores onde a planificação ainda não pode aplicar-se de maneira eficaz, a sociedade socialista recorre aos procedimentos que a sociedade capitalista desenvolveu amplamente até ao seu nível máximo (o capitalismo de Estado e o sistema monetário internacional), e faz deles um uso limitado, controlado e controlável.

Obviamente, na medida em que sobrevivem nos países socialistas actividades económicas privadas (individuais ou de grupo), os produtos devem ter um preço de venda, que está sujeito a algumas leis objectivas. Porém, isto gera uma contradição entre o papel desempenhado pelos preços e o facto de, no quadro da economia planificada, estes se reduzirem a um instrumento de regulação da circulação dos bens de consumo individual.

Além disso, as transacções entre países, enquanto se realizarem na base das relações comerciais e não ainda no quadro de uma planificação mundial, introduzem também uma contradição suplementar na economia socialista planificada. (Ver I.V. Stáline *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*). [ed. cit. (N. Ed.)]

¹⁸ Cada decisão, por conseguinte, cada questão sujeita a erro, é objecto de luta entre as duas classes, as duas vias e as duas linhas, dado que favorece ou obstaculiza, em maior ou menor medida, a transformação. Os erros são inevitáveis. Cada erro cometido obstaculiza a transformação (e é por isso que se trata de um erro!); não obstante, os erros só se convertem numa linha contrária à transformação e favorável à restauração se se acumularem e forem transformados num sistema orgânico.

1.1.4 As forças produtivas parcialmente colectivas

A outra parte das forças produtivas, que a sociedade socialista herda da sociedade capitalista, ainda não são por si mesmas, directamente, forças produtivas colectivas: a sua instalação, utilização, gestão e resultados dependem principalmente das características de cada indivíduo (da sua força, carácter, inteligência, esforço, energia, cultura, sagacidade, etc.). No entanto, também estas forças formam parte do mecanismo unitário da produção social, dependendo os seus resultados de maneira determinante do funcionamento ordenado deste. Por conseguinte, estas forças produtivas só são parcialmente colectivas no sentido em que a sua criação, utilização e, em parte também, os seus resultados dependem necessariamente do funcionamento (do contributo) do resto da actividade económica da sociedade (por exemplo, um salão de cabeleireiro, uma empresa turística familiar, uma exploração agrícola familiar, o pequeno comércio, etc.). Trata-se de um sector amplamente difundido nos países em que a capitalização das actividades económicas é baixa (em particular nas explorações agrícolas familiares). Não obstante, nele labora uma grande massa de trabalhadores, incluindo nos países em que a capitalização das actividades económicas está mais desenvolvida. Basta pensar nas inumeráveis pequenas empresas individuais e familiares, que existem em todos os países imperialistas: no sector do turismo, na distribuição, na agricultura, na construção, na reparação e manutenção de edifícios e de bens de consumo duráveis, no serviço doméstico e às empresas, etc. Precisamente porque a sua gestão e resultados dependem principalmente das características do trabalhador individual, a propriedade individual e privada destas forças produtivas não pode ser abolida por decreto, de um só golpe, como faz a revolução socialista com a grande propriedade individual dos grandes capitalistas. Deste modo, não pode eliminar-se de um golpe o carácter mercantil dos seus produtos, carácter que permanece como contradição parcial no que respeita ao carácter unitário (no âmbito local, estatal e mundial) do processo de produção e reprodução das condições materiais de existência. Este carácter unitário encontra finalmente a sua expressão na sociedade socialista através da planificação das actividades económicas no âmbito local, estatal e mundial.

Por outro lado, estas forças produtivas (que não têm um carácter directamente colectivo) constituem forças produtivas atrasadas. Com efeito, a sociedade burguesa, que surgiu historicamente de forças produtivas individuais, criou forças produtivas colectivas porque estas são mais produtivas – com menores recursos (naturais e humanos) satisfazem melhor as necessidades. A eliminação incompleta das forças produtivas individuais e a sua reprodução (em algumas fases – como vimos nos anos 80 – também a sua reprodução ampliada) são uma contradição interna da sociedade burguesa, ligada ao papel essencial, constitutivo, da propriedade individual das forças produtivas, e uma das manifestações do limite que a relação de capital coloca ao desenvolvimento da força produtiva do trabalho humano.¹⁹ A este atraso das forças produtivas individuais corresponde inevitavelmente um atraso cultural e a limitação das relações sociais dos trabalhadores nos sectores correspondentes. Isto perpetua na sociedade moderna,

¹⁹ Sobre as limitações ao desenvolvimento das forças produtivas do trabalho humano e das forças produtivas em geral, ver *Rapporti Sociali* n.º 3, p. 13 e seguintes, e *Rapporti Sociali* n.ºs 9/10, p. 3, nota 2.

incluindo os países mais desenvolvidos, a condição de inferioridade e de marginalização social, que Engels evidenciou a respeito do trabalhador de uma exploração agrícola familiar, na obra *A Situação da Classe Operária em Inglaterra* (1845).

A eliminação da propriedade individual e privada destas forças produtivas e do carácter mercantil dos seus produtos é um processo que se desenrola em ligação dialéctica com o desenvolvimento do carácter colectivo destas mesmas forças produtivas e em interacção com o resto do processo produtivo social.

No desenvolvimento deste processo, e na direcção que toma na sociedade socialista, produz-se uma luta entre as duas classes, as duas vias e as duas linhas.

1.1.5. Não existe uma muralha da China entre os dois tipos de forças produtivas examinados

No seu desenvolvimento, os processos atrás referidos (em cujo âmbito se desenvolve a luta entre as duas classes, as duas vias e as duas linhas na sociedade socialista) estão interligados. Os movimentos relativos interpenetram-se, como acontece com os processos que abordaremos no ponto seguinte. Este é um dado objectivo, material, de que só nos podemos abstrair em sonhos, em fantasias, em discursos retóricos e em histórias de fadas.

A propriedade individual e privada da força de trabalho (compra e venda da força de trabalho ou a atribuição colectiva da força de trabalho a diferentes tarefas socialmente úteis), a distribuição do produto (bens de consumo) entre os indivíduos (a cada um segundo a quantidade e qualidade do trabalho prestado ou a cada um segundo as suas necessidades socialmente reconhecidas), a participação de cada indivíduo no esforço produtivo da sociedade (quem não trabalha não come ou cada um trabalha segundo as suas capacidades), a contradição entre as aspirações individuais e o reconhecimento social destas, a contradição entre o novo, que no início não pode ser universalmente reconhecido, e a direcção colectiva (dos indivíduos associados) da sua vida social, etc., – são contradições ante as quais os ultra-esquerdistas bem podem encolher os ombros.

Os porta-vozes da burguesia apresentam inevitavelmente estas contradições como dificuldades insuperáveis que relegam o comunismo para o reino das utopias. Ao mesmo tempo estendem um piedoso véu sobre as «maldições» que o capitalismo inflige às pessoas, quando não as atribuem ao destino e à malvada natureza dos indivíduos. Mas, na realidade, são problemas que milhões de homens afrontaram na nossa época, para os quais começaram a encontrar soluções, num processo cheio de tentativas, de soluções temporárias, de balanços da experiência, de êxitos inevitavelmente alcançados graças aos erros anteriores. Não existe nenhum deus que, ao jeito dos legisladores das fábulas da antiguidade, nos revele a via a seguir.

A revolução socialista começa com a conquista do poder político pelo proletariado e surge no quadro do sistema capitalista mundial como produto das contradições que este desenvolveu na sua plena maturidade (a fase imperialista); por conseguinte, a sociedade socialista nasce como produto do seu máximo desenvolvimento, da sua primeira crise geral de sobreprodução absoluta de capital e da subsequente crise política e da ordem política mundial que dela decorre. Mas a revolução socialista, dado que se inicia com o derrubamento do poder político da burguesia, só podia começar onde a burguesia era mais fraca politicamente. Portanto, em países economicamente atrasados. Nestas condições, a revolução socialista confrontou-se com diversas circunstâncias, nomeadamente:

– Com o facto de que, nesses países particularmente atrasados, era preciso dar uma importância relevante, se não preponderante, ao desenvolvimento e generalização do carácter social das forças produtivas e do processo de produção e reprodução das condições materiais de existência; países cujas forças produtivas estavam atrasadas e eram mantidas nesse estado pelo próprio sistema imperialista. Por esta razão, a contradição homem/natureza (no sentido em que os homens têm dificuldade em arrancar da natureza as condições materiais da sua existência) desempenhava ainda um papel importante;

– Com o facto de ter de fazer frente à agressão militar (agressão dos Estados da Entente contra a República Soviética entre 1918 e 1921, agressão dos Estados nazi-fascistas contra a União Soviética entre 1941 e 1945, agressão do Japão e posteriormente dos EUA contra a China, agressão dos EUA contra Cuba e Indochina) e ao bloqueio económico da burguesia imperialista, que continuava no poder nos países mais desenvolvidos.

A primeira fase da história dos países socialistas é a história de como a sociedade socialista enfrentou as tarefas colocadas no seu caminho pelas condições concretas.²⁰

Esta história demonstrou que a sociedade socialista, graças ao seu carácter de classe (ao papel dirigente do proletariado, guiado pelo Partido Comunista, e à aliança do proletariado com o resto dos trabalhadores):

– Está em condições de dirigir o processo de limitação e eliminação das forças produtivas atrasadas, incrementando o carácter colectivo das mesmas, de tal forma que este processo se pôde realizar amplamente e com êxito em países muito populosos e num tempo relativamente breve;

– É capaz de mobilizar eficazmente os recursos humanos para um rápido desenvolvimento económico e assim fazer frente, com êxito, às agressões e ao bloqueio

²⁰ A história da construção do socialismo na União Soviética é composta pelas seguintes fases sucessivas e distintas da luta de classes:

– As revoluções de 1917;

– A guerra civil e a luta contra a agressão dos Estados da Entente (1918-1921), a Nova Política Económica (*NEP*) e a reconstrução (1921-1927);

– A colectivização da agricultura (1927-1933);

– Os planos quinquenais (o primeiro de 1928 a 1932, o segundo de 1933 a 1937 e o terceiro iniciado em 1938 e depois interrompido pela agressão dos Estados nazi-fascistas;

– A guerra antifascista (1941-1945);

– A reconstrução (1946-1952).

A construção do socialismo na República Popular da China é composta pelas seguintes fases sucessivas e distintas:

– A fundação da República Popular da China (1949);

– A colectivização da terra (1949-1956);

– O primeiro plano quinquenal (1952-1956);

– O segundo plano quinquenal (1957, posteriormente interrompido);

– O grande salto em frente e as Comunas (1958-1959);

– O reajustamento (1959-1965);

– A revolução cultural proletária (1966-1976).

económico. Apesar de tudo, em pouco mais de 35 anos, a União Soviética desenvolveu um sistema industrial completo e criou uma base industrial cujo nível tecnológico estava nesse momento entre os mais avançados do mundo;

– É uma sociedade que, graças a todos os factores já mencionados, se torna impossível de abater a partir do exterior e só pode ser abatida a partir do interior, embora com dificuldades, mediante um processo de degradação, que tem de prolongar-se por um largo período. Na União Soviética, a primeira fase durou cerca de 35 anos e foram precisos outros tantos de trabalho de sapa revisionista (a segunda fase) para chegar à terceira fase, cujo desenlace está ainda por decidir (restauração do capitalismo ou recuperação da via para o comunismo). [Recorde-se que este texto foi escrito antes da dissolução da URSS (*N. Ed.*)]. Nas democracias populares do Leste da Europa, a primeira fase durou cerca de dez anos e a segunda (de trabalho de sapa revisionista) prolongou-se por 35 anos e não resolveu completamente o problema da destruição da sociedade socialista que deixou como herança à terceira fase. Na República Popular da China a primeira fase durou cerca de 25 anos, enquanto a segunda fase ainda não está encerrada.²¹

Estudar a história da sociedade socialista, abstraindo-nos das tarefas concretas que esta se viu obrigada a cumprir e das condições concretas em que as cumpriu, significa que não se compreendeu nada ou se está sob a influência da propaganda anticomunista da burguesia imperialista. Todos os que se recusaram a considerar a sociedade socialista como uma fase de transição, com as suas próprias contradições, que se desenvolvem segundo as suas leis específicas, em vez de estudarem o seu desenvolvimento concreto e compreendê-lo, limitaram-se a procurar categorias extraídas da história precedente para as aplicar à sociedade socialista. Desta forma caíram num mar de confusão.²²

²¹ Só quem tem uma concepção idealista (a comunicação de ideias e imagens pode determinar o movimento da sociedade em vez dos factores económicos e materiais), ou militarista (a repressão policial pode manter de pé uma sociedade em vez dos factores materiais), como é o caso da propaganda interessada da burguesia imperialista, pode ocultar e ignorar que foram os factores objectivos, relativos ao carácter de classe da sociedade socialista, que determinaram o desenvolvimento económico e a vitória sobre as agressões externas. Na sua breve história, os países socialistas demonstraram-no a todo o mundo.

²² Um exemplo destes arqueólogos é Rudolf Bahro, ex-dirigente da República Democrática Alemã (RDA), que nos anos 70 teve o seu momento de glória nos círculos da cultura burguesa de esquerda ao publicar (em 1977) *A Alternativa. Contribuição para a crítica do socialismo realmente existente*. Neste livro, defendia a tese de que o sistema social dos países socialistas (em cuja história não fazia nenhuma distinção de fases) era um despotismo asiático. Pena é que não tenha podido reconhecer elementos essenciais e identificáveis desse modo de produção, como as inumeráveis pequenas economias locais fechadas e quase auto-suficientes!

Outro exemplo é o dos defensores do lugar comum que apresenta os países socialistas como países de capitalismo de Estado. Estranho capitalismo de Estado sem capitalistas! Com efeito, se atribuirmos à categoria de capitalismo de Estado um conteúdo científico (ou seja, historicamente determinado) e recusarmos transformá-la numa categoria moral, equivalente em traços gerais a uma «sociedade autoritária e malvada», qual é então a essência do capitalismo de Estado? A sociedade burguesa alcança a fase do capitalismo de Estado quando este, com a sua política económica (fiscal, aduaneira, monetária, creditícia, comercial, de despesa pública e de serviços públicos, etc.) «dirige» os empresários

1.2 A divisão dos trabalhadores em grupos na base de contradições que têm carácter de classe

Os trabalhadores que constroem a nova sociedade socialista estão divididos entre eles por contradições que têm carácter de classe.

O que entendemos por contradições que têm carácter de classe?

– As contradições que estão baseadas em diferentes conteúdos da actividade do trabalho efectuado (na base da divisão social e técnica do trabalho);²³

capitalistas, cada um dos quais é livre de procurar a melhor valorização do seu capital dentro do ambiente económico criado pelo Estado, pelo menos em parte, com as medidas atrás indicadas. Uma sociedade em que isto se verifica pressupõe evidentemente a existência de capitalistas como proprietários dos meios de produção, detentores da iniciativa económica, e a existência do Estado como «capitalista colectivo», ou seja, a associação de capitalistas, ou melhor, dos grupos capitalistas dominantes que assim defendem e impõem os seus próprios interesses. O capitalismo de Estado formou-se historicamente como «superestrutura» do capitalismo. Terá isto alguma semelhança, por exemplo, com a União Soviética, após os períodos da *NEP* e da colectivização dos campos, ou com outros países socialistas? Se assim fosse, a introdução da economia de mercado e do capitalismo não seria a empresa difícil, senão mesmo desesperada, que hoje se apresenta aos capitalistas depois da derrocada dos primeiros regimes revisionistas.

Se estudarmos a história de alguns países (como a Alemanha, França e Itália), veremos que, no momento em que terminou a II Guerra Mundial, a superestrutura do capitalismo de Estado ruiu juntamente com os respectivos Estados, mostrando-nos com clareza o carácter dessa superestrutura chamada capitalismo de Estado e a sua relação com o capitalismo tradicional. Comparando essas situações com o que se passa actualmente na União Soviética e nos países da Europa Ocidental, ressalta claramente uma diferença substancial. Nas primeiras, o derrubamento da superestrutura (do capitalismo de Estado) pôs a descoberto a base de sustentação – o velho capitalismo, que retomou o seu trabalho de reconstrução das superestruturas que lhe eram necessárias. Nas segundas, o derrubamento dos regimes revisionistas pôs a nu, aos olhos daqueles que mantinham a equação «países socialistas = capitalismo de Estado», o problema da construção de um capitalismo que não existia.

A origem real desta comparação está na psique dos que a formularam. Fizeram o seguinte trajecto «lógico»: 1. A actual sociedade dos países socialistas é má, portanto não é socialista, mas capitalista; 2. Não obstante, posto que não existem capitalistas e os meios de produção são propriedade pública, só pode ser capitalismo de Estado. Deixemos que o leitor julgue a qualidade científica ou a seriedade deste «raciocínio».

²³ Não entram aqui, portanto, as diferenças de força, de inteligência, de sexo, etc., com que alguns procuram lançar a confusão e apresentar como caricatura ou utopia a nossa luta pela igualdade, a qual não só é concebível e possível como também é necessária para o carácter colectivo das forças produtivas e para o carácter unitário, a nível mundial, do processo de produção e reprodução das condições materiais de existência.

O próprio facto de que é o trabalho que os indivíduos efectuam que os situa numa condição social e não noutra, que é o trabalho que cria, assim, a desigualdade social, confirma que esta condição não é determinada pelas características físicas, intelectuais e morais de cada indivíduo. Por exemplo, o isolamento de um pastor das relações sociais é consequência do seu trabalho e não das suas qualidades pessoais. A divisão não se estabelece entre indivíduos robustos e fracos, entre indivíduos inteligentes e tolos, etc., mas

– As contradições que estão ligadas a graus hierárquicos sociais diferentes, a funções distintas na gestão do movimento económico e político da sociedade, a possibilidades diferentes de relações sociais.

– As divisões que comportam uma autoridade distinta, quanto à definição das actividades sociais, uma distribuição diferenciada do produto social, graus distintos de usufruto do património social e de participação no património cultural da sociedade, um papel distinto (dirigente/dirigido, activo/passivo) nas relações entre indivíduos. Em resumo, as divisões que traduzem, encarnam, perpetuam e reforçam as desigualdades entre grupos de trabalhadores no seu papel social e na sua qualidade de membros da sociedade.²⁴

Quais são estas divisões?

As mais difundidas (as universais, por assim dizer, aquelas que se apresentam de uma forma quase geral em cada país) são:

- A divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual,
- A divisão entre homens e mulheres,
- A divisão entre altos e baixos rendimentos,
- A divisão entre nações dominantes e nações oprimidas,
- As divisões entre países decorrentes das posições de monopólio relacionadas com as suas características naturais (solo, matérias-primas, clima, água, fontes energéticas e posição geográfica),
- As divisões entre dirigentes e dirigidos em cada país e em cada contexto.

A sociedade socialista herda necessariamente da sociedade burguesa estas divisões. Nenhuma delas coincide directamente com a contradição burguesia/proletariado, que é a contradição principal da nossa época e uma contradição predominantemente antagónica.²⁵ Mas também é certo que a conservação, cristalização e aprofundamento de

entre os trabalhadores que efectuam um determinado tipo de trabalho e outros que realizam outro.

²⁴ Sobre o carácter de classe das divisões referidas mais adiante, ver também a nota 13 deste artigo.

²⁵ Esta tese exclui a tese das «nações proletárias», assim como qualquer outra formulação e nova apresentação desta tese. A contradição burguesia/proletariado divide cada país em dois. Não obstante, como a experiência tem demonstrado, esta contradição, que é a contradição principal do ponto de vista da época, pode transformar-se, em determinadas fases concretas do processo de desenvolvimento concreto, em contradição secundária, cedendo a outra a posição principal. O exemplo clássico é a transformação na China da contradição burguesia/proletariado em contradição secundária durante o período entre 1936 a 1945, quando cedeu o papel de contradição principal à contradição povo chinês/povo japonês.

Esta tese opõe-se às linhas adoptadas por alguns grupos políticos dos países imperialistas, que definem como contradição principal a contradição entre o proletariado e os trabalhadores autónomos (por exemplo, a «linha anti-comerciantes» da Luta Comunista) ou a contradição entre trabalhadores do sector privado e trabalhadores do sector público (como nos últimos meses o têm feito os sindicatos do regime).

cada uma destas divisões só pode ter como resultado a reprodução das relações mercantis e, finalmente, com o desenvolvimento destas, das relações capitalistas.²⁶

Enquanto estas contradições não forem superadas no essencial, o capitalismo continuará a constituir a alternativa possível ao socialismo (a sua negação) e, por sua vez, o comunismo apresentar-se-á como a alternativa ao capitalismo (a sua negação), e não ainda como uma sociedade que já se desenvolve na base das duas próprias contradições (específicas e particulares).

Uma vez eliminada no essencial a propriedade individual capitalista, em cada uma destas contradições, os dois pólos opostos que lutam entre si são grupos de trabalhadores. As posições de cada um destes grupos de trabalhadores emergem da velha sociedade e contrapõem-se entre si em defesa dos respectivos interesses.

Nenhuma destas contradições pode abolir-se por decreto, de um só golpe, mediante o uso da força.²⁷ A base material de cada uma delas radica, embora de maneira diferente, nas qualidades necessárias para o desenvolvimento do trabalho adquiridas pelos indivíduos. Tais qualidades são herdadas da velha sociedade burguesa como prerrogativas exclusivas e monopólio de uma parte dos trabalhadores e não podem generalizar-se rapidamente. Cada uma delas, embora em diferentes medidas, tem também uma base, historicamente constituída no decurso da sua longa existência, no senso comum dos

²⁶ Por isso, relativamente a cada uma destas contradições, embora nenhuma delas se identifique com a contradição burguesia/proletariado, devemos falar de luta entre duas classes, duas linhas (isto é, entre burguesia e proletariado, entre a via para o capitalismo e a via para o comunismo, entre a linha burguesa e a via proletária). Ver a este respeito também a nota 13 deste artigo.

²⁷ Os que não reconhecem que a sociedade socialista está cheia de contradições dividem-se em dois grupos:

– Os desviacionistas de direita, que negam a existência da divisão de classes e da luta de classes. Estes procuram consolidar em cada contradição o pólo dominante e são partidários da consolidação da fase alcançada, em vez do seu desenvolvimento e superação sucessivos. Por conseguinte, trabalham consciente ou inconscientemente a favor da restauração das relações capitalistas de produção.

– Os desviacionistas de «esquerda», que negam também a existência da divisão de classes e a luta de classes. Estes pretendem galgar o processo de superação por etapas das contradições e recusam seguir e dirigir o movimento concreto das contradições. Recusam dirigir a luta que é, contudo, o único meio através do qual o pólo hoje mais fraco se pode transformar no mais forte. São partidários do igualitarismo absoluto e imediato, da abolição imediata do Estado e dos cargos dirigentes, da emancipação das classes oprimidas «a partir de cima», graças a dirigentes iluminados, a «heróis».

Um exemplo que constitui um grande ensinamento e mostra o erro dos desviacionistas de «esquerda» é o facto de que, quando o Exército Popular de Libertação chinês libertou o Tibete, em 1950, o novo poder não aboliu de vez e por decreto a escravidão em que os monges (também latifundiários) mantinham os trabalhadores. Em vez disso, empenhou-se em promover as condições para que os escravos desenvolvessem a luta de classe contra os seus amos até derrotá-los. Os desviacionistas de «esquerda» não entendem que às vezes um passo imprudente em frente pode obrigar a retroceder ou, vice-versa, que às vezes um passo atrás é a base necessária para avançar.

Na prática os desvios enfraquecem a luta que é preciso travar para fazer avançar a transição do capitalismo para o comunismo.

indivíduos, nesse conjunto ainda pouco explorado de instintos, fantasias, comportamentos e correlações, que constituem a mentalidade não consciente, o inconsciente dos indivíduos. A superação de cada uma destas contradições é um processo. A sociedade socialista superá-las-á num processo por etapas, seja reduzindo a divisão (por exemplo, indivíduos que ao mesmo tempo ou no decurso da sua vida passam de um tipo de trabalho para outro: do trabalho manual para o intelectual e do intelectual para o manual), seja limitando o carácter de classe destas divisões (o qual, por exemplo, não existe na divisão entre o trabalho do torneiro e do fresador).

A luta entre as duas classes, as duas vias e as duas linhas constitui um processo de superação de cada uma destas contradições. Cada uma delas tem o seu próprio movimento, com traços comuns a todos os países e específicos de cada país. No decurso deste movimento, o contraste inerente a cada uma delas pode assumir um carácter antagónico ou não antagónico,²⁸ conforme o desenvolvimento concreto das coisas. Os pólos de todas estas contradições podem perder a sua oposição mútua, mas não a existência respectiva (na sociedade comunista existirão trabalhadores manuais e trabalhadores intelectuais, existirão homens e mulheres, etc.).

Para dirigir a luta específica em cada contradição é necessário examinar todos os traços específicos e particulares de cada uma delas.²⁹ Contudo, o seu movimento também apresenta alguns traços comuns. O elemento principal de cada uma delas, que emerge como tal da velha sociedade, consolida as suas posições e com isso contrapõe-se claramente ao elemento secundário. O elemento secundário reconhece a sua posição, distingue-se claramente do elemento principal, insurge-se e luta para transformar-se em elemento principal e reduzir este a secundário. Assim, até que a contradição alcance um novo nível ou seja superada.

Esta é a luta de classes na sociedade socialista.

Para que uma contradição possa ser superada é necessário, sobretudo, que esta se apresente como tal, ou seja, que os dois opostos se identifiquem e se enfrentem claramente. Então a contradição está madura e pode ser resolvida. Nos começos da era burguesa, burgueses e proletários não estavam claramente definidos nem contrapostos. A contradição burguesia/proletariado estava, pois, no início e não podia desenvolver-se plenamente enquanto a contradição principal fosse a contradição entre as forças feudais e a burguesia.

Após a conquista do poder por parte do proletariado, uma vez eliminada no essencial a propriedade individual e dos capitalistas agrupados no que respeita às principais forças produtivas e aos principais aspectos da produção social, desenvolvem-se cada vez mais claramente as contradições entre os trabalhadores, que já existiam na velha sociedade, apesar de terem um carácter secundário. Uma contradição existe enquanto os dois pólos se opõem um ao outro, enquanto podem transformar-se um no outro, ou seja, enquanto o pólo secundário pode transformar-se em pólo principal e o principal em secundário. Se esta possibilidade se exclui, a contradição deixa de existir. A guerra entre dois exércitos mantém-se enquanto cada um deles pode enfrentar o outro, enquanto o que agora é mais

²⁸ Ver Mao Tsé-Tung: *Sobre A Justa Solução das Contradições no Seio do Povo* (1957). [Versão em castelhano *Sobre El Tratamiento Correcto De Las Contradicciones En El Seno Del Pueblo*, disponível em: <http://www.marxists.org/espanol/mao/escritos/CHC57s.html> (N.Ed.)]

²⁹ Sobre o movimento das contradições, ver Mao Tsé-Tung, *Sobre a Contradição*. [Ed. cit. (N. Ed.)]

fraco tem a possibilidade de ser o vencedor e enquanto existe a possibilidade daquele que agora é mais forte se tornar no mais fraco. Quando esta possibilidade é eliminada definitivamente, a guerra termina e a contradição entre os dois deixa de existir.

Como cada uma destas contradições tem carácter de classe (ou seja, cada uma delas está ligada, na fase actual da história da humanidade, à contradição burguesia/proletariado). Estas contradições só podem ser resolvidas na sociedade socialista, durante a transição da sociedade capitalista para o comunismo, que representa para o capitalismo a sua negação necessária. Em suma, a solução destas contradições constitui o conteúdo do socialismo e é o motor do seu desenvolvimento. Podem dar-se passos atrás, nos quais o elemento agora principal consolida a sua própria posição e se contrapõe de maneira antagónica ao elemento que neste momento é secundário, empurrando de novo com a sua consolidação toda a sociedade para o capitalismo; mas a solução definitiva da contradição, a sua superação, produz-se só no comunismo. O proletariado pode eliminar a burguesia, enquanto que a burguesia, podendo vencer o proletariado e submetê-lo temporariamente, não pode eliminá-lo.

1.3 Conclusões

Portanto, a sociedade socialista está muito longe de ser uma sociedade isenta de contradições; pelo contrário, é uma sociedade marcada por grandes lutas e contradições. A luta de classes é a lei geral.

Não só os capitalistas deixam de actuar como capitalistas e os traficantes deixam de fazer os seus negócios, como também os produtores autónomos deixam de ser empresários livres (à mercê do mercado), deixando, portanto, de existir como tais; os proletários deixam de ser vendedores livres da sua força de trabalho (à mercê dos capitalistas); os políticos e funcionários do Estado deixam de dispor das massas ao seu arbítrio; os dirigentes perdem o carácter exclusivo, monopolista, arbitrário e de casta do seu poder; o trabalho intelectual já não é privilégio de alguns indivíduos e o trabalho manual deixa de ser um castigo para os demais; os homens perdem a sua prerrogativa de domínio social sobre as mulheres, etc..

Os países socialistas, que a propaganda interessada dos revisionistas modernos pintava como «povo unido», sem afrontamentos de classes («Estado de todo do povo», «partido de todo o povo»), apresentam-se na realidade como povo dividido por contradições herdadas da velha sociedade, finalmente encaminhadas para a sua resolução mediante a oposição dos respectivos pólos. Isto porque cada contradição só se resolve mediante o processo em que o pólo mais fraco, lutando contra o pólo principal, se transforma a si mesmo no pólo principal, constituindo uma síntese superior que resolve a contradição.

Na sociedade socialista, múltiplas contradições, que estavam latentes ou eram secundárias na sociedade burguesa, amadurecem e agravam-se, chegam «à supuração» [exteriorizam-se (*N. Ed.*)] e exigem ser superadas. E este aspecto, ou seja o facto de superá-las, de unir os operários, o proletariado, os trabalhadores e o povo, é essencial e determinante do processo de instauração da gestão colectiva (comunitária, social) das forças produtivas, ou seja, do movimento específico da sociedade socialista.³⁰

³⁰ Trata-se de contradições que na sociedade burguesa são muitas vezes secundárias e estão latentes. Na sociedade burguesa é um dado adquirido que o pessoal dirigente de uma fábrica constitui uma categoria distinta e oposta aos trabalhadores. Na sociedade socialista

O Partido Comunista, o partido que une os que lutam pelo comunismo, é o partido da vanguarda deste processo de luta, destas lutas, sob pena de se transformar numa casca vazia e mistificadora, por baixo da qual se oculta e da qual se serve a classe dominante.

Os movimentos de massas, a mobilização de massas, as organizações de massas, o Partido Comunista e a ditadura do proletariado (ou seja, a direcção de parte da sociedade que, na sua luta com o resto da sociedade, se bate pelo avanço para o comunismo) são componentes essenciais da construção do socialismo.

Quem não aceita dirigir este processo de luta de classes (em nome de um socialismo de paz sem guerra e de unidade sem luta) opõe-se concretamente à revolução socialista e à transição do capitalismo para o comunismo e, portanto, trabalha em prol da restauração do capitalismo ou favorece-a. A sociedade socialista não pode ficar parada porque é uma sociedade de transição, uma sociedade em que duas classes, duas vias e duas linhas se enfrentam em cada uma das contradições, ante cada decisão a tomar, que a fazem avançar.

Cada contradição resolve-se mediante um processo historicamente determinado. Cada processo realiza-se por fases sucessivas de transformações quantitativas que tornam possível o salto para a fase seguinte. Alguns defendem que «*na sociedade socialista não deve haver qualquer estratificação social*». Porém, enquanto as contradições que estão na ordem do dia não forem superadas em definitivo (e que ninguém ouse dizer que podem ser superadas em definitivo de uma vez ou numa só luta), e se é certo que só podem ser superadas em definitivo no decurso do processo histórico que se articula em fases, a cada fase corresponde necessariamente uma determinada estratificação social, um desenvolvimento quantitativo para um nível qualitativamente superior que a contradição alcançou e uma superação da fase mediante um salto. Mao Tsé-Tung afirmou que a transição do capitalismo para o comunismo só pode realizar-se através de repetidas

esta oposição transforma-se numa contradição aguda. Igualmente se dá como adquirido na sociedade burguesa que os dirigentes das actividades económicas não respondam pelas suas decisões perante os trabalhadores e que aquelas sejam um assunto pessoal deles. Em contrapartida, na sociedade socialista isto transforma-se numa contradição aguda. Que no quadro do mercado capitalista a posse de recursos naturais seja remunerada com uma renda por quem os quer usar, é também um dado adquirido. Na sociedade socialista, transforma-se numa contradição aguda. A lista poderia continuar.

Tendo isto em conta, entende-se a causa material do estado de agitação e perturbação, da heterogeneidade dos ordenamentos e soluções, da sobreposição de papéis, da permanente instabilidade das instituições e das normas, dos persistentes movimentos de massas, que caracterizaram a sociedade socialista na primeira fase da sua história, em singular contraste com a estabilidade e capacidade de resistência demonstrada perante as agressões, a sabotagem e o bloqueio, que se devem ao seu carácter de classe, à grande capacidade da classe operária de unir em seu torno os restantes trabalhadores.

Neste campo, é claro o contraste entre a primeira e a segunda fase da história dos países socialistas. Com efeito, a segunda fase caracteriza-se pela busca da ordem, consolidação e estabilidade, pela clara e crescente diferenciação de papéis e competências, pela reparação de uma detalhada e abrangente definição de normativos e pela uniformidade de regulamentos e soluções, pela estabilidade das instituições e pela ausência de movimentos de massas. Isto em singular contraste com a ruína que estava a produzir e a derrocada em gestação.

«*revoluções culturais*», que periodicamente põem de pernas para o ar toda a sociedade e «*revolvem o céu e a terra*», subvertendo a estratificação social estabelecida.

Quanto à compreensão por parte dos comunistas destas características da sociedade socialista, ela só pode ser atingida, como sucede com todo o conhecimento real do indivíduo, na base da experiência, fazendo o balanço da experiência e mediante um processo inevitável de prática-teoria-prática, aprendendo com os erros e com os êxitos. K. Marx e F. Engels deduziram da análise do movimento da sociedade capitalista que a luta entre a burguesia e o proletariado continuaria depois da conquista do poder por parte do proletariado, no quadro da ditadura do proletariado.³¹ E, de maneira mais concreta, na base da experiência dos primeiros anos da sociedade socialista, Lénine indicou algumas formas em que a luta de classes prossegue na sociedade socialista.³²

O PCUS foi o primeiro partido comunista que afrontou em grande escala e durante um período relativamente longo os problemas da construção do socialismo. Acumulou um grande património de experiências que constitui um tesouro para cada partido comunista que afronta estes problemas. Não obstante o PCUS só alcançou uma compreensão parcial dos problemas da luta de classes na sociedade socialista. Depois de ter realizado, no essencial, a colectivização na agricultura, o PCUS defendeu que na União Soviética já não existiam classes antagónicas³³ e que a sociedade soviética se tinha libertado dos conflitos de classe.³⁴ Esta afirmação foi revista, em certa medida, nos princípios dos anos 50.³⁵

A análise da transição do capitalismo para o comunismo, por conseguinte da sociedade socialista, das contradições que a movem e dos métodos para as abordar, foi realizada organicamente por Mao Tsé-Tung, depois de fazer o balanço da experiência da construção do socialismo na União Soviética, nas democracias populares do Leste da Europa e na

³¹ K. Marx, *Crítica ao Programa de Gotha* (1875) [Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. Avante, Lisboa, 1985, t. III, pp. 5-30. (N. Ed.)]; F. Engels: *Anti-Dühring*, parte III, cap. 5 (1877) [disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/index.htm> (N. Ed.)].

³² V.I. Lénine, entre outras obras: *O Estado e a Revolução* (1917) [VILOE3, t. II, pp. 219-305 (N. Ed.)]; *As Tarefas Imediatas do Poder Soviético* (1918) [Idem, ibidem, pp. 559-587 (N. Ed.)]; *A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky* (1918) [VILOE3, t. III, pp. 1-75 (N. Ed.)]; *A Economia e a Política na Época da Ditadura do proletariado* (1919) [Idem, ibidem, pp. 202-209 (N. Ed.)]; Prefácio à edição do discurso «Sobre o Engano do Povo com as Palavras de Ordem de Liberdade e Igualdade» (1919) [VILOE6, t. 4, pp. 277-281 (N. Ed.)]; *A Doença Infantil do «Esquerdismo», no comunismo* (1920) [VILOE3, t. III, pp. 275-348 (N. Ed.)]; Relatório sobre a substituição das requisições pelo imposto em espécie; X Congresso do PCR (b) (1921) [VILOE3, t. III, pp. 474-485 (N. Ed.)].

³³ I.V. Stáline: *Sobre o Projecto de Constituição da URSS* (1936). [disponível em castelhano em: <http://www.cjc.es/wp-content/uploads/2009/05/sobre-el-proyecto-de-constitucion-de-la-urss-stalin.pdf> (N. Ed.)]

³⁴ I.V. Stáline, Relatório ao XVIII Congresso do PCUS (1939). [Disponível em castelhano: <http://www.marxists.org/espanol/stalin/obras/oe15/Stalin%20%20Obras%2015-15.pdf> pp.35-57 (N. Ed.)]

³⁵ I.V. Stáline, *Problemas Económicos do Socialismo na URSS* (1952) [ed. cit. (N. Ed.)]

República Popular da China. Na sua base elaborou a teoria mais geral e sistemática que se conhece da sociedade socialista até ao presente.³⁶

2. Segunda fase da história dos países socialistas.

2.1. Quem tem interesse em ocultar a mudança de rumo?

A primeira fase da história dos países socialistas, criados durante a primeira crise geral de sobreprodução absoluta de capital e da subsequente crise da ordem política mundial, termina quando os revisionistas modernos conquistam o poder nestes países: nos anos 50 na União Soviética e nas Democracias Populares do Leste da Europa e nos anos 70 na República Popular da China. É então que se dá o início da segunda fase. Esta caracteriza-se pelo abandono da política sistemática de limitação e eliminação das actividades económicas residuais e de carácter mercantil e capitalista, de repressão dos elementos anti-sociais, de promoção e generalização dos gérmenes do comunismo, de mobilização das massas (nas organizações de massas e nos movimentos práticos gerais) para transformar a sociedade através da sua actividade directa e da associação dos promotores do comunismo na direcção do movimento económico, político e cultural da sociedade.

Nos anos 50, por alturas do XX Congresso do PCUS e das reformas introduzidas com Khruchov no cargo de secretário-geral, a burguesia armou um grande alarido a propósito da mudança de rumo operada na União Soviética e nas democracias populares da Europa Oriental. Hoje, pelo contrário, estabeleceu o esquecimento. A burguesia é contrária a que se distinga na história dos países socialistas a segunda fase da primeira. A burguesia tem muito mais interesse em apresentar às massas a actual degradação dos países socialistas e o derrubamento dos regimes dos revisionistas modernos como o «fim do comunismo». Para o fazer, deve ocultar a viragem dos anos 50 e apresentar a história dos países socialistas como um todo único, de 1917 a 1989.

Também adoptam esta posição:

- Os revisionistas modernos de todo o mundo, que, obviamente, não podem ressaltar a viragem anticomunista operada nos países socialistas, que é também sua;
- Alguns dirigentes do movimento revolucionário que, por vários motivos, não quiseram reconhecer nunca o revisionismo moderno como linha de restauração gradual e pacífica do capitalismo,³⁷ nem muito menos combatê-lo;

³⁶ Ver a este respeito, entre outras, as seguintes obras: *A Propósito da Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado* (1956); *Sobre as Dez Grandes Relações* (1956) [disponível em castelhano em: <http://www.marxists.org/espanol/mao/escritos/TMR56s.html> (N. Ed.)]; *Sobre a Justa Solução das Contradições no Seio do Povo* (1957) [Ed. cit. (N. Ed.)]; *O Pseudocomunismo de Khruchov e os Seus Ensinamentos Históricos ao Mundo* (1964) [disponível em inglês em: <http://www.marxists.org/reference/archive/mao/works/1964/phnycom.htm> (N. Ed.)]; *A Classe Operária Deve Exercer a sua Direcção em Todos os Campos* (1968); *Celebremos o Quinquagésimo Aniversário do Partido Comunista de China* (1971); *As Bases Sociais da Camarilha Antipartido de Lin Piao* (1975); *A Ditadura Completa Sobre a Burguesia* (1975). A base teórica (filosófica) para compreender justa e facilmente estas obras encontra-se em: *Sobre a Contradição* (1937) [Ed. cit. (N. Ed.)]

³⁷ O caso mais ilustre é o de Fidel Castro. Porém, a este grupo pertencem também alguns outros dirigentes dos movimentos revolucionários dos países do Terceiro Mundo. Para alguns deles, um dos motivos do seu alinhamento com os revisionistas modernos foi a

– Uma série de grupos desviacionistas (entre nós, os bordiguistas [Amadeo Bordiga (1889-1970), líder do PCI entre 1921 e 1924, expulso em 1930 por tomar a defesa de Trótski (*N. Ed.*)] e a «Luta Continua», etc.), que negaram sempre o carácter socialista das revoluções do nosso século e continuam a contorcionar-se para «darem uma definição» dos países socialistas na base dos seus esquemas, nos quais, para dizer a verdade, os países socialistas dificilmente se encaixam.³⁸

possibilidade de aproveitarem as oportunidades que a política (burguesa) de grande potência mundial, levada a cabo pelo Estado soviético e pelos seus aliados do CAME (Conselho de Assistência Mútua Económica), em concorrência com o Estado imperialista norte-americano e os seus aliados, parecia oferecer aos movimentos revolucionários das semicolónias. Hoje, estes confrontam-se com os efeitos do fiasco dessa política de grande potência e estão particularmente expostos aos renovados ataques do imperialismo no plano económico, política e militar.

Para evitar mal-entendidos, sublinhamos que o reconhecimento do papel negativo do apoio dado aos revisionistas modernos, no seio do movimento revolucionário mundial, não anula o papel positivo que teve o movimento revolucionário das semicolónias no movimento revolucionário mundial, nem muito menos o papel positivo da resistência actual destes movimentos revolucionários perante a renovada e cada vez mais arrogante agressão do imperialismo. Agora que o revisionismo moderno está em crise e com ela a sua política de grande potência, os movimentos revolucionários das semicolónias encontram-se objectivamente perante uma iniludível encruzilhada: ceder ante o imperialismo ou resistir e levar por diante a revolução, baseando-se nas suas próprias forças, no movimento revolucionário mundial e nas contradições no campo do inimigo.

No passado, alguns movimentos revolucionários das semicolónias acreditaram que podiam manipular o revisionismo moderno; pelo contrário, foi o revisionismo moderno que os manipulou para enganar os trabalhadores. Basta ver a energia que se subtraiu à actividade revolucionária para levar a cabo supostas operações estéreis de apoio a esses movimentos revolucionários.

³⁸ Um caso ilustre deste grupo é C. Bettelheim [Charles Bettelheim (1913-2006), historiador e economista francês, neo-marxista (*N.Ed.*)]. Na sua obra *Luta de Classes na URSS* (escrita entre 1974 e 1980), chega à conclusão de que a Revolução de Outubro era uma revolução burguesa e que o regime social da União Soviética era o capitalismo de Estado. A respeito desta tese remetemos para a nota 22 deste artigo.

Quanto aos grupos de Bordiga até à Luta Comunista, etc., para estes alegados leninistas e seguidores de Lénine (que elaborou a teoria geral e universal, de acordo com a qual, as revoluções anti-imperialistas de libertação nacional da época imperialista são parte da revolução proletária mundial, bem como a linha de aliança do proletariado com o campesinato nos países imperialistas e com os povos oprimidos), todas as revoluções da nossa época são, segundo eles, burguesas: amém!

2.2. Como puderam os revisionistas modernos tomar o poder?

A resposta a esta pergunta está nas contradições específicas da sociedade socialista que expusemos ao abordar a primeira fase da sua existência. Estas contradições, como atrás mostrámos, tinham carácter de classe, e o seu movimento incluía necessariamente a possibilidade de os erros cometidos pelos comunistas no tratamento das mesmas se tornarem sistemáticos, a ponto de constituírem uma linha de restauração do capitalismo e de asfixia dos gérmenes do comunismo, a ponto, portanto, de os promotores desta via assumirem a direcção da sociedade socialista e enveredarem pela via de restauração do capitalismo. Uma contradição existe até que cada um dos pólos que se opõem entre si esteja em condições de se impor. Negar a possibilidade de os promotores da restauração podem impor-se numa sociedade socialista equivale a negar que na sociedade socialista existe luta de classes, contradições e conflitos de classe, ou seja, equivale a abraçar a tese em que se apoia o revisionismo moderno. Nos anos 70, Mao Tsé-Tung afirmava que ainda não estava decidido se a China se tornaria num país comunista ou num país fascista.

Os revisionistas modernos tiram proveito dos seguintes aspectos:

– Da consciência escassa dos comunistas quanto à existência e à natureza da luta de classes na sociedade socialista (os revisionistas modernos apresentaram-se sempre como comunistas, Khruchov inclusivamente chegou a elaborar um plano para passar directamente ao comunismo em 20 anos!): esta é uma característica que distingue a segunda da terceira fase da história dos países socialistas, na qual a mesma classe dirigente, formada na segunda fase, é obrigada finalmente a descobrir a sua verdadeira face anticomunista;

– Dos erros de direita e de esquerda cometidos pelos comunistas: nos critérios de selecção e formação dos membros do partido comunista e dos dirigentes dos organismos políticos, económicos e culturais da sociedade socialista e das organizações de massas; no trabalho em prol da unidade entre o partido comunista e as massas; no tratamento das contradições no seio do povo; na tarefa de unir a maioria dos trabalhadores em torno da linha de avanço para o comunismo; no isolamento, neutralização e transformação da minoria de partidários da restauração e dos promotores da via capitalista; na limitação e eliminação das sobrevivências da sociedade capitalista e na repressão dos elementos anti-sociais; na combinação, com uma táctica apropriada, dos interesses estratégicos com os interesses imediatos das massas, etc.;

– Do apoio económico (comercial e financeiro) proporcionado pelos imperialistas (o sistema capitalista atravessava um período de recuperação e desenvolvimento);

– Do apoio que os grupos sociais opostos ao avanço para o comunismo lhes ofereceram frente a todas as contradições da sociedade socialista. Estes grupos, que inevitavelmente existem em qualquer sociedade socialista como sobrevivências da velha sociedade e como produto da sua existência e da força residual do imperialismo a nível internacional, não podem ser eliminados de um golpe. É o tipo de dirigentes e de elite que a sociedade socialista herda e que, para prosseguir o seu curso, deve combater, limitar, reprimir e transformar; estes grupos estão a contragosto na sociedade socialista e são hostis às suas mobilizações e processos. Os revisionistas asseguraram a estes grupos apoio, estabilidade e privilégios de todo o tipo;

– Da prudência de que deram prova ao atacar gradualmente as conquistas práticas obtidas pelas massas trabalhadoras: em alguns casos os dirigentes revisionistas modernos

recorreram directamente à corrupção económica, promovendo medidas imediatas a favor das massas, que a longo prazo provocariam o caos económico, contrapondo dessa forma os interesses imediatos das massas aos seus interesses estratégicos. Os revisionistas nunca se afastaram do seu programa de restauração gradual e pacífica do capitalismo, correndo o risco de não restaurarem nada.

Alguns objectam que são «*explicações políticas, superestruturais*», e por isso não satisfatórias ou incompletas, e reclamam explicações estruturais da conquista poder por parte dos revisionistas modernos em quase todos os países socialistas.

Em nossa opinião, esta pretensão nasce de uma má compreensão da relação entre estrutura e superestrutura, entre economia e política. A estrutura permite e contém em si a possibilidade das duas vias. Se contém em si mesma essa possibilidade (já mostrámos que contém), a primazia de uma via sobre a outra é principalmente uma questão superestrutural, política, que se decide mediante o confronto entre as forças políticas, as forças subjectivas.

A estrutura não decide univocamente as questões superestruturais. Acreditar que a estrutura determina univocamente a superestrutura, ou seja, que a estrutura permite uma única via de desenvolvimento, significa que se concebe a relação entre a estrutura e a superestrutura como uma relação mecânica e determinista de causa e efeito, no entanto, ela é, pelo contrário, uma relação dialéctica. Estrutura e superestrutura constituem uma unidade de opostos (uma contradição) e, como toda a contradição, no curso do seu movimento, o elemento determinado (secundário, derivado) pode transformar-se, em certas circunstâncias, no elemento principal e determinante.

Se não se aceita esta tese, não só não se compreende o motivo da vitória dos revisionistas modernos, como nem sequer se compreenderá porque é que, na primeira metade do século XX, as forças subjectivas da revolução socialista venceram nos impérios russo e chinês, mas não nos EUA e nos países da Europa Ocidental. Mais em geral, não se compreende nada e não se reconhece de modo algum a luta de classes na fase imperialista. Na realidade, a característica desta fase reside no facto de que, estando já reunidas as condições objectivas da sociedade socialista, são as condições subjectivas, a capacidade das forças subjectivas da revolução de fazer triunfar a revolução socialista, que constituem o factor principal, decisivo para a sua instauração e avanço concreto.

Na base da pretensão, aparentemente muito materialista e marxista («*mais marxista não se pode ser*»), de que o êxito dos revisionistas modernos radica em causas estruturais que o tornaram inevitável, encontra-se a velha e podre concepção, utilizada desde 1917 até aos nossos dias pelos os sociais-democratas e oportunistas de toda a laia (desde Khruchov a Bukhárine e Liu Shaoqi) [Liu Shaoqi (1898-1969) dirigente comunista chinês, foi presidente da República Popular da China (1959-1968), sendo derrubado e preso na sequência da Revolução Cultural. Foi reabilitado postumamente por Deng Xiaoping em 1980 (*N. Ed.*)] para se oporem à revolução socialista, à conquista do poder por parte do proletariado, à instauração da ditadura do proletariado, aos sucessivos saltos em frente na transição. Fizeram-no sempre em nome da transição do capitalismo para o comunismo, alegando que este que devia «*vir por si próprio*», por causas «*objectivas*», sem «*forçar politicamente as coisas*» e fazer «*fugas em frente*». Na realidade, a tarefa da sociedade socialista consiste, na sua essência, em adequar as relações de produção ao carácter colectivo das forças produtivas. Ora, dado o carácter colectivo das principais forças produtivas da etapa imperialista, trata-se de uma tarefa que é realizada principalmente

por um movimento superestrutural, político, de luta de classes e das suas respectivas expressões políticas. As vicissitudes da sociedade socialista (avanços e retrocessos, vitórias e derrotas) têm a sua fonte principal na superestrutura, da mesma forma que pertencem principalmente a esta os meios que a burguesia utiliza para proteger as relações capitalistas de produção e opor-se ao avanço do comunismo.³⁹

2.3 Em que consiste a mudança de rumo empreendida pelos revisionistas modernos nos países socialistas?

Uma descrição completa da direcção imprimida pelos revisionistas modernos ao movimento económico e político das sociedades socialistas pode ser encontrada nos escritos de Mão Tsé-Tung, ou por ele inspirados, indicados na nota 36 deste artigo. Em particular nos escritos: *A Propósito da Experiência Histórica da Ditadura do Proletariado* (1956) e *O Pseudocomunismo de Khruchov e os Seus Ensinamentos Históricos ao Mundo* (1964). Também em *Rapporti Sociali* temos tratado ampla e detalhadamente a natureza da direcção que os revisionistas modernos imprimiram aos países socialistas.⁴⁰ Limitamo-nos, pois, a resumir os pontos principais.

No que respeita ao movimento económico, a mudança empreendida pelos revisionistas modernos resume-se à tese de que nos países socialistas já não existem contradições de classe e, portanto, já não há luta de classes.

Isto na prática significa:

– Partido de «*todo o povo*», em vez de partido comunista: supressão definitiva das medidas destinadas a promover a presença de operários no partido; eliminação das mobilizações periódicas de massas para verificação dos membros do partido (o que a propaganda burguesa chamava de «*purgas*»); o fim da admissão no partido com base na adesão ao programa comunista e na sua verificação prática, assim como na capacidade de ligar-se às massas; eliminação das normas sobre a vida partidária interna que favoreciam o carácter de vanguarda comunista do partido (autocrítica, etc.); abertura deste a elementos de classes hostis ao comunismo, a arrivistas, especuladores e aos que queriam fazer carreira. O partido transformou-se gradualmente no partido dos dirigentes estatais, dos dirigentes das unidades produtivas, dos oficiais das forças armadas, etc., ficando com a tarefa exclusiva de promover o desenvolvimento económico. Ao mesmo tempo,

³⁹ Na bagagem ideológica da burguesia, para além do idealismo, também se encontra o materialismo mecanicista. Segundo os teóricos desta escola, a estrutura da sociedade determina passo a passo, de maneira unívoca e directa, tudo o que acontece. Se o revisionismo moderno teve êxito é porque só podia ser assim. Ou seja, que o avanço para o comunismo era impossível. Esta concepção, aparentemente tão «*marxista*», revela a sua estreita afinidade com a tese que os burgueses proclamam exultantes: «*O comunismo fracassou porque é contrário à natureza humana!*». Efectivamente, o comunismo é contrário à natureza humana... do capitalista. E quanto à natureza humana do proletário? Quanto à natureza humana do proletário devia-se observar pelo menos que ela se encontra dividida, que é esquizofrénica: se é certo que não avança para o comunismo, é igualmente certo que se rebela persistentemente contra o capitalismo. Os marxistas afirmam que essa «*natureza humana*» invocada pelos metafísicos (tanto idealistas como materialistas) está historicamente determinada pelas relações de produção às quais os homens estão ligados e reflecte em si mesma o carácter contraditório das próprias relações de produção.

⁴⁰ Ver a este respeito: *Rapporti Sociali* n.ºs 5/6, 7 e 8.

reprimiu-se e eliminou-se o seu papel principal: o de promover e dirigir a luta de classe do proletariado.

– Estado «*de todo o povo*», em vez de ditadura do proletariado: eliminação das campanhas periódicas de massas de verificação dos funcionários; estabilização do corpo de funcionários e, em geral, de todo o aparelho dirigente económico e político como corpo fixo (casta auto-reprodutora) na sociedade, desligado dos movimentos das massas e seleccionado com base na fidelidade aos chefes, em vez de na base da capacidade de mobilizar as massas; o fim das mobilizações de massas como meio de transformação social, e das organizações de massas como instrumento de participação crescente das mesmas no poder; redução do papel das organizações de massas a simples executoras da política do Estado e a instrumento de controlo e repressão das massas;

– Consolidação e ampliação do carácter mercantil da produção (preços e autonomia financeira das empresas industriais); transformação gradual da planificação, dando-se supremacia aos grupos económicos e unidades produtivas mais fortes e impondo-se iniciativas económicas que proporcionam mais lucros no mercado capitalista mundial e que melhor respondem aos interesses dos grupos imperialistas; desatenção às condições de vida das massas e degradação das instituições sociais que as determinavam (rede de distribuição a retalho, escolas, instituições de saúde, recreativas, culturais e desportivas, etc.); negligências, em particular, no que respeita às condições de vida e de trabalho dos grupos mais fracos e menos importantes do ponto de vista da produção e da estabilidade política (nacionalidades atrasadas, mulheres, trabalhadores manuais, etc.);⁴¹ eliminação da obrigação de cada cidadão realizar um trabalho socialmente útil; restabelecimento da propriedade intelectual (direitos de autor, colaborações, profissões liberais, etc.); tolerância dos rendimentos não provenientes do trabalho (especulações, intermediações, tráficos, juros sobre o dinheiro, rendas da propriedade imobiliária e intelectual, etc.); ampliação dos privilégios e poderes dos altos funcionários, dos dirigentes, dos trabalhadores especializados e dos especialistas, etc.;

– A competição económica entre a URSS e os EUA e, posteriormente, a competição política e militar com o imperialismo norte-americano como política de grande potência em lugar da luta de classes e da luta anti-imperialista de libertação nacional. Esta competição política e militar alcançou o seu auge, pouco a pouco, sob a direcção de Bréjnev, quando os revisionistas modernos procuraram dessa forma consolidar o seu regime: por um lado, a nível interno, captando o apoio dos grupos cujos interesses (rendimentos, prestígio social, privilégios) eram reforçados e ampliados pela política de grande potência, e, por outro, criando no estrangeiro uma rede de clientes;

– Ligação económica (comercial e financeira) com o sistema capitalista mundial em lugar de se promover a mobilização dos recursos internos, a luta de classes e o internacionalismo proletário (colaboração económica entre os países socialistas).

Seguindo esta orientação, os revisionistas modernos criaram gradualmente um sistema que se baseava numa colusão entre «empresários livres» (empresários privados, especuladores, intermediários, contrabandistas, consultores, profissionais liberais,

⁴¹ Vale a pena assinalar que os revisionistas modernos descuidaram de forma particular e descarada a redução do trabalho manual, permitida pelo desenvolvimento tecnológico, com absoluto desprezo pela fadiga e as condições de trabalho insalubres a que continuavam condenados milhões de trabalhadores nos países socialistas.

produtores autónomos, etc.), dirigentes dos organismos do Estado, que protegiam os seus negócios, legais e ilegais, em troca de presentes e subornos, e dirigentes das organizações económicas públicas, que utilizavam os recursos da economia colectiva para seu próprio enriquecimento pessoal e para favorecer os «empresários livres».

O resultado da linha adoptada pelos revisionistas modernos (arvorada por eles como meio para acelerar o desenvolvimento económico dos países socialistas e melhorar as condições de vida das massas) foi: a estagnação económica dos países socialistas como resultado da paralisia recíproca das duas classes fundamentais; o atraso tecnológico nos sectores destinados à satisfação das necessidades das massas; a ampliação das disparidades nas condições de vida; a acentuação crescente da diferença entre trabalhadores intelectuais e manuais, com o conseqüente reforço dos seus respectivos papéis; a degradação e ruína das instituições sociais destinadas à satisfação das necessidades das massas (distribuição de bens de consumo, ensino, saúde, transportes, etc.), através das quais se materializavam as suas conquistas; o enfraquecimento do sistema político, em claro contraste com a estabilização do aparelho que presidia às actividades políticas; a inversão da relação pré-existente entre países socialistas e países imperialistas: já não eram estes últimos que temiam o contágio dos primeiros, mas sim o inverso.

Tomem uma sociedade socialista e ponham na direcção das suas unidades produtivas, à cabeça dos organismos de Estado e das organizações de massas indivíduos que estão convencidos de que as massas são, no melhor dos casos, um instrumento passivo da vida social, indivíduos que buscam sobretudo o seu enriquecimento pessoal ou não hesitam em utilizar os recursos da economia socialista e a prerrogativas da autoridade em seu benefício pessoal. Existem semelhantes indivíduos na sociedade socialista? Sim, inevitavelmente. Não só existem como são os exemplos mais representativos do pessoal dotado de experiência de direcção e depositário do património cultural e técnico, que a sociedade socialista herda da sociedade burguesa. Na sociedade burguesa, é vital que esta gente se sinta motivada principalmente pelo proveito próprio e esteja imbuída de menosprezo pelas massas, ou, no melhor dos casos, de uma atitude paternalista perante elas. É inevitável, inclusivamente, que indivíduos deste tipo se reproduzam na sociedade socialista, dado que nela ainda se mantêm as características e contradições da velha sociedade. Elas podem ser limitadas se foram combatidas, mas não podem eliminar-se senão mediante um processo gradual que se estende por um período de tempo prolongado. Indivíduos similares existem, pois, na sociedade socialista; assim como existem, por outro lado, indivíduos dedicados à causa do comunismo e indivíduos que lutam intrepidamente pelo seu triunfo.

Suponhamos que ascendem ou se mantêm em postos dirigentes indivíduos do primeiro tipo e que o seu trabalho não é contrariado. Qual será o resultado inevitável do predomínio de tais indivíduos? Os resultados serão:

– A aliança entre estes indivíduos e todos os promotores de actividades económicas privadas (especuladores, contrabandistas, traficantes, intermediários, produtores autónomos, profissionais liberais, etc.);

– Uma rede de cumplicidades e corrupção que unirá os dois grupos;

– O relaxamento de toda a disciplina e a desmoralização entre os trabalhadores que, dia após dia, vêem a inutilidade dos seus esforços e que, para fazer frente às suas

necessidades, são levados a recorrer a subterfúgios e a estabelecer todo o tipo de contactos com a rede de cumplicidade e corrupção atrás mencionada;

– A ruína progressiva da estrutura económica, já que os dirigentes não se preocupam em assegurar o seu bom funcionamento, mas sim em retirar dela todo o proveito que podem;

– A interrupção do desenvolvimento tecnológico, no qual os trabalhadores já não estão interessados porque não lhes traz nenhuma vantagem, e tão-pouco estão interessados nele os dirigentes, que só se preocupam em retirar o maior proveito pessoal possível da situação existente;

– A transformação das organizações de massas numa rede de cumplicidade, corrupção e repressão.

A ambição dos dirigentes e dos seus especialistas aumentará em simultâneo com a sua impunidade. Porém, isto não conduzirá à melhoria do funcionamento das estruturas económicas, porque precisamente estas têm ainda como finalidade e estão ainda organizadas para a satisfação das necessidades individuais e sociais das massas e não para o enriquecimento pessoal (como, pelo contrário, sucede na sociedade capitalista, onde a busca pessoal do lucro máximo pode conduzir, em determinadas circunstâncias, a um marcado aumento da produtividade). Os novos-ricos acumulam riqueza não na base do bom funcionamento das estruturas produtivas, mas sim da sua ruína e mau funcionamento. O processo continuará enquanto a ruína não chegar ao ponto de comprometer de maneira ampla a produção e reprodução das condições materiais e todas as relações sociais que estas requerem. O regime dos revisionistas modernos, baseado na tentativa de restauração pacífica e gradual do capitalismo, estava assim destinado à derrocada.

Os recursos e a força da sociedade socialista eram tão grandes que foram precisos mais de 30 anos para levar a ruína a um tal nível que provocou a sua queda.⁴²

⁴² Na República Popular da China, a conquistado poder por parte dos revisionistas é relativamente recente (tem perto de 15 anos [note-se mais uma vez que este artigo data de 1991 (*N. Ed.*)] e é provável que ainda transcorra muito tempo até que a sua direcção desbarate os recursos económicos e a estabilidade política criados na fase precedente da sociedade socialista, a ponto de levar à derrocada do regime. Isto explica a singularidade do actual rumo da RPC, que a distingue claramente dos outros países socialistas.

3. A terceira fase da história dos países socialistas

3.1. As causas da transição da segunda para a terceira fase da sociedade socialista

A segunda fase da sociedade socialista termina com a derrocada dos regimes instaurados pelos revisionistas modernos, que começou a produzir-se em 1989. A derrocada produz-se num momento em que a direcção dos revisionistas modernos já tinha delapidado amplamente os recursos económicos e a estabilidade política criados na primeira fase dos países socialistas, herdados pelos revisionistas modernos e graças aos quais sobreviveram.

A ruína dos regimes dos revisionistas modernos acelerou-se devido à crise geral de sobreprodução de mercadorias, gerada pela crise de sobreprodução de capital, na qual os países imperialistas entraram a partir de meados dos anos 70.⁴³ Esta crise deu-lhes o golpe final. Em consequência da linha de dependência do mercado financeiro imperialista, imposta pelos revisionistas modernos durante anos, os países socialistas tinham de pagar juros e reembolsar os créditos concedidos pelos grupos imperialistas. Além disso deviam adquirir nos países imperialistas os bens que se haviam tornado indispensáveis ao funcionamento do seu aparelho produtivo, bem como para o consumo, no quadro da divisão internacional do trabalho com os países capitalistas e da integração parcial no mercado capitalista mundial, imposta pelos revisionistas modernos. Por isso, tiveram de vender com perdas os seus produtos e recursos naturais aos usurários da especulação mundial e fazer concessões de todo o tipo aos grupos imperialistas para obter os meios de pagamento de que necessitavam, à semelhança dos países do Terceiro Mundo. A corrida armamentista, implícita na política de grande potência, e de competição política e militar com o imperialismo norte-americano, perseguida pelos revisionistas modernos, agravou ainda mais a situação.

Os revisionistas tinham já alcançado o seu objectivo de restauração (pacífica e gradual) do capitalismo? Não. De facto, a burguesia dos países socialistas continua hoje confrontada com a tarefa de introduzir a economia de mercado, de reduzir os trabalhadores a mera força de trabalho que os novos patrões possam comprar, contratar e despedir segundo os seus interesses, de privatizar as unidades produtivas e de legalizar todas as actividades económicas e para-económicas, que bem conhecemos nos países imperialistas.⁴⁴

⁴³ A sobreprodução de capital gera sobreprodução de mercadorias porque diminui a percentagem de capital destinado a cumprir o processo (D-M-T-M'-D') (Dinheiro-Mercadorias-Trabalho-Novas Mercadorias-Mais Dinheiro) e, por conseguinte, a procura de novos meios de produção por parte dos capitalistas e de bens de consumo por parte de novos operários (admitidos para fazer funcionar os novos meios de produção) não está em condições de absorver toda a oferta em que o capital se materializou em resultado do processo produtivo. De facto, uma manifestação característica da crise de sobreprodução absoluta de capital é o crescimento exagerado do uso financeiro do capital. Em cada empresa as actividades financeiras (operações de carteira) tornam-se o sector regulador da vida da empresa. Na actividade económica global a nível mundial, as operações financeiras assumem totalmente um papel dirigente.

⁴⁴ A este respeito ver, em particular, *Rapporti Sociali* n.º 8.

Quando a situação se tornou insustentável, devido ao trabalho de sapa dos revisionistas modernos, ganhou força o sector da classe dirigente que era partidário da restauração rápida e violenta, ao todo o custo, do capitalismo. Ante o fracasso da restauração gradual e pacífica e a ruína dela derivada, aquele sector havia engrossado as suas fileiras e reforçado o seu prestígio. Reclamava o poder com uma voz cada vez mais alta e arrogante. Este sector contava também com o apoio dos grupos imperialistas por motivos económicos evidentes (realizar os projectos de expansão das suas actividades económicas aos países socialistas) e por motivos políticos (eliminar uma grande potência concorrente).

A nova classe dirigente, que nestes últimos anos tomou o poder na União Soviética e nas democracias populares da Europa Oriental, é parte integrante da velha classe dirigente revisionista.

O seu pessoal político (os Gorbachov, os Éltine, etc.) vem das fileiras revisionistas e os seus predecessores imediatos ou concorrentes (os Romanov e os Ligatchov) convivem com eles como bons compadres.

Os novos empresários, que se apoderam a preço de saldo do património económico criado pelos trabalhadores, das unidades produtivas e comerciais, para criar outras, são:

- O velhos dirigentes de unidades produtivas e organismos estatais que, no quadro da segunda fase, acumularam fortunas individuais;
- Os especuladores, os produtores autónomos, os profissionais liberais que, na segunda fase, se aproveitaram em grande medida da amizade, convívio, dos laços e da cumplicidade com os primeiros.

3.2 As perspectivas abertas pela terceira fase da sociedade socialista

A derrocada dos regimes revisionistas na URSS e nas democracias populares do Leste da Europa abre em cada um destes países um período de luta aberta entre as classes, que conflui com a alteração da ordem política mundial e dos regimes dos países imperialistas e dependentes decorrente da crise. As principais forças presentes são o proletariado, os grupos burgueses dos países socialistas e os grupos imperialistas estrangeiros.

A esperança de que a derrocada dos regimes revisionistas irá conduzir, simples e directamente, à extensão às massas dos países socialistas, ainda que de forma gradual, das condições conquistadas pelas massas dos países imperialistas, durante o período do capitalismo de «rosto humano», carece de qualquer fundamento. Em todos os países imperialistas onde foram conquistadas, essas condições estão a ser limitadas, atacadas e eliminadas, dia após dia, uma por uma. E isto devido à necessidade que se impõe à burguesia, como consequência do agravamento da crise económica de sobreprodução de capital.

A esperança de que os países socialistas possam servir de um novo grande mercado, capaz de resolver a crise económica dos países imperialistas, carece de qualquer fundamento, porque a sobreprodução de mercadorias dos países imperialistas não é mais do que um aspecto da sobreprodução de capital. Os países socialistas só podem transformar-se num novo campo de expansão do capital se a luta encarniçada e violenta entre o proletariado e a burguesia se resolver a favor desta e triunfar a tentativa de reconduzir os trabalhadores à condição de escravos assalariados.

Os grupos burgueses locais e os grupos imperialistas só podem consolidar os seus propósitos e o seu poder se conseguirem submeter à condição de escravos assalariados

milhões de trabalhadores que, desde gerações não conhecem as «delícias» do capitalismo: despedimentos, desemprego, ordens de despejo, abundância de mercadorias e penúria de meios aquisitivos, ostentação das diferenças de classe, insegurança no futuro, etc. Por outro lado, o proletariado dos países socialistas tem uma grande experiência política e organizativa, assim como um elevado nível cultural e não se resignou em absoluto à renúncia das conquistas do socialismo e, ainda que esteja justamente indignado com a situação a que foram reduzidos pelos revisionistas modernos, aspira a melhorar as suas próprias condições de vida e de trabalho e o seu próprio papel social.

Não estamos em condições de avaliar o estado das forças subjectivas da revolução nos países socialistas, nem de avaliar as perspectivas da revolução socialista no futuro imediato, que dependem delas. Mas não duvidamos de que a resistência das massas será encarniçada e não se deixarão lançar pacificamente para o inferno capitalista. A mesma determinação de restaurar o capitalismo a todo o custo, que a burguesia é obrigada a demonstrar, coloca em primeiro plano a contradição entre ela e as massas, antes mascarada pela linha da restauração gradual e pacífica do capitalismo. No futuro imediato, ou as forças subjectivas da revolução conseguem crescer e tomar a direcção do movimento de massas, ou as massas serão instrumentalizadas por aventureiros e mercenários a soldo dos grupos burgueses para levar a cabo as suas guerras, arregimentadas sob as mais diversas bandeiras e lançadas umas contra as outras em novas guerras imperialistas (Jugoslávia, Geórgia, etc., são precedentes limitados, mas significativos).

Os grupos burgueses locais e os grupos imperialistas estrangeiros, que colaboraram e colaboram para voltar a impor aos trabalhadores a condição de escravos assalariados, têm em perspectiva interesses antagónicos: cada um move-se por interesses particulares. Isto está a criar as condições políticas para uma nova guerra mundial, para a qual já existem as premissas económicas. Hoje cada grupo burguês local e cada grupo imperialista procura coligar as suas forças e recrutar adeptos, apoiando-se nos elementos reaccionários que a sociedade socialista, na sua primeira fase, não podia eliminar mas reprimia, e em todas as contradições atrás referidas (ponto 1.2), que gangrenaram na fase revisionista (as diferenças nacionais, raciais, religiosas, etc.), e ainda na urgência das massas de satisfazer as necessidades mais elementares que os revisionistas não suprimiram.

A guerra impossível entre países imperialistas e países socialistas está a transformar-se numa guerra possível entre grupos imperialistas. A instabilidade da ordem política mundial (no centro da qual está a crise da supremacia económica dos grupos imperialistas dos EUA) e a instabilidade política dos maiores países imperialistas estão a ser enormemente alimentadas pela rivalidade entre os grupos imperialistas na conquista dos países socialistas, pela disputa entre os países imperialistas e os grupos burgueses dos países socialistas e pela luta destes entre si.

Hoje não nos é possível prever qual será o rumo que tomarão os acontecimentos, porque isso depende das forças subjectivas presentes, das quais não temos um conhecimento adequado. Não obstante, é claro que todo o movimento material do mundo contém em si mesmo duas únicas saídas que podem realizar-se alternativamente ou então combinar-se entre elas: guerra imperialista ou revolução socialista.